

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA/HISTÓRIA E ESPAÇOS
CURSO: MESTRADO EM HISTÓRIA
LINHA DE PESQUISA: CULTURA, PODER, IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES
ESPACIAIS**

**“JUSTICE WILL BE MADE” BUSH E O DISCURSO CONSTRUTOR DAS
GUERRAS CONTRA O TERROR**

DANIEL SOUSA DE HOLANDA CAVALCANTE

**NATAL
2013**

DANIEL SOUSA DE HOLANDA CAVALCANTE

**“JUSTICE WILL BE MADE” BUSH E O DISCURSO CONSTRUTOR DAS
GUERRAS CONTRA O TERROR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História (PPGH), do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Henrique Alonso de Albuquerque Rodrigues Pereira.

**NATAL
2013**

376j

Cavalcante, Daniel Sousa de Holanda.

“Justice will be made” Bush e o discurso construtor das guerras contra o terror / Daniel de Sousa Holanda Cavalcante; orientação de Henrique Alonso de Albuquerque Rodrigues Pereira – Natal, 2013.

[84]f.

Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas Letras e Artes. Programa de Pós- Graduação em História, Natal, 2013.

Contém relação de siglas e abreviaturas

1.História. 2. Estados Unidos. 3.Terrorismo. 4.George W. Bush. 5. Guerra contra o Terror. 6. Terrorismo. I. Pereira, Henrique Alonso de Albuquerque Rodrigues. II Título.

CDU 94(73):323.28

TERMO DE APROVAÇÃO

DANIEL SOUSA DE HOLANDA CAVALCANTE

**“JUSTICE WILL BE MADE” BUSH E O DISCURSO CONSTRUTOR DAS
GUERRAS CONTRA O TERROR**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção de grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Henrique Alonso de Albuquerque Rodrigues Pereira

Orientador – Departamento de História, UFRN

Prof. Dr. Sebastião Leal Ferreira Vargas Netto

Departamento de História, UFRN

Prof^a. Dr^a. Cecília da Silva Azevedo

Departamento de História, UFF

Francisco das Chagas Fernandes Santiago Jr

Departamento de História, UFRN - Suplente

Natal, setembro de 2013.

AGRADECIMENTOS

É chegada a hora de agradecer. Agradecer a quem e por quê? Como agradecer a uma pessoa se são tantas de quem falar? Definitivamente se eu fosse enumerar aqui todos que me ajudaram com este trabalho escreveria um novo texto de centenas de páginas intitulado “agradecimentos delongados de uma dissertação de mestrado”. Então, para ser relativamente breve, farei aqui uma analogia Metal/Nerd.

Arjen Anthony Lucassen é um músico multi-instrumentalista que possui um projeto paralelo denominado Ayreon. O Ayreon lançou no ano de 1998 um álbum denominado *Into the Electric Castle*. As músicas desse álbum (duplo), como um todo, contam uma história, possuindo todas elas uma interligação e se assemelhando ao álbum “The Wall” do Pink Floyd. Mas porque essa história nos é interessante?

O álbum conta a história de um grupo de oito pessoas de épocas e locais diferentes que são transportadas por uma entidade cósmica, desconhecida e poderosa, para um local mágico e cheio de armadilhas mortais denominado Electric Castle. Esses viajantes precisam se auxiliar e atravessar todas as provações do local para poderem retornar a seu tempo, porém vários deles morrem durante o processo, até que apenas um consegue retornar para casa. Sendo assim, cá estou eu explicando as motivações desse álbum e o que ele possui de semelhança com o mestrado.

Nesse caso, a entidade cósmica é o mestrado em si, colocando-nos à prova a todo momento e “matando” alguns (muitos na verdade) durante o processo que se estende por dois longos anos. Os viajantes somos nós, pesquisadores, e nossos variados temas de pesquisa espalhados no espaço e no tempo da humanidade. Muitos de nós lutamos e sobrevivemos, mas a maioria dos alunos padeceu no caminho difícil e sacrificante que se pôs entre nós. Ficamos abandonados e depressivos podendo contar apenas uns com os outros em vários momentos de angústia e aflição e, no final, os que tiveram mais perseverança e sorte chegaram a esse momento de conclusão precisando ainda passar pelo escrutínio final da banca avaliadora: o último desafio.

Quero deixar aqui meus agradecimentos para minha família e para todos os meus amigos que me ajudaram nessa empreitada para sobreviver (em alguns momentos literalmente falando). Agradeço ainda mais aos colegas do mestrado que padeceram no caminho e que conquistaram a vitória a o título (seus nomes não estão escritos no trabalho, mas em meu coração), pois me

mostraram que eu não podia desistir e esmorecer, apesar de todas as dificuldades. Meu sincero obrigado a todos.

RESUMO

O presente trabalho foi elaborado visando a discutir como se construiu o discurso da administração presidencial de George W. Bush para engendrar as Guerras Contra o Terror. Por meio de uma análise de fontes, revistas, jornais e discursos oficiais do presidente, realizamos uma pesquisa que apresenta o processo de desenvolvimento discursivo do governo estadunidense com o objetivo de tornar crível ao mundo a existência de Armas de Destruição em Massa no Iraque. Para concretizar tal feito, no trabalho primeiro tentamos desconstruir o que seria o terrorista e as suas ações contra os governos hegemônicos, além de realizar uma importante discussão com o tema da História do Tempo Presente e a necessidade de uma pesquisa como essa nos dias atuais. Ao desconstruirmos a ideia do ser terrorista, mostramos de que forma o presidente George W. Bush se utiliza dos atentados de 11 de setembro e do medo da população norte-americana como ferramentas para construir uma guerra com uma intencionalidade real voltada à conquista do petróleo iraquiano e para terminar uma tarefa que seu pai, George H. Bush, havia deixado inacabada.

Palavras-chave: Terrorismo, Bush, Guerra Contra o Terror.

ABSTRACT

This work was built aiming to present how they built the speech of the presidential administration of George W. Bush to engender the Wars on Terror. Through an analysis of sources, magazines, newspapers and official speeches of the President; construct a survey that shows the process of development discourse of the U.S. government in order to make credible to the world the existence of weapons of mass destruction in Iraq. To accomplish this feat, the first attempts to deconstruct the work that would be the terrorist and their actions against the hegemonic governments, and perform an important discussion with the theme of the story of the present time and the need for a search like this nowadays. To deconstruct the idea of being a terrorist present as President George W. Bush uses the attacks of September 11th and fear as tools to build a war with a real intentionality toward the conquest of Iraqi oil and finish a task that his father, George H. Bush had left unfinished.

Keywords: Terrorism, Bush, War on Terror.

RELAÇÃO DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABIN – Associação Brasileira de Inteligência

ADM – Armas de Destruição em Massa

ONU – Organização das Nações Unidas

GCT – Guerra Contra o Terror

NYT – New York Times

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
A construção de uma guerra	15
PARTE I: PENSAMENTOS TEÓRICOS SOBRE QUESTÕES DA ATUALIDADE.....	24
Capítulo 1: Estudos históricos de um tempo mais que presente	25
Problemas do estudo do “atual”	27
Fontes de pesquisa na hipermodernidade	32
Capítulo 2: Insurgentes ou terroristas: compreensões sobre um inimigo mundial	35
Para além do terror	41
Medo do terror, ajuda ao sistema opressor	42
PARTE II: P4BR.....	45
Capítulo 3: FEAR: Formas Evoluídas de Argumentação Restritiva	46
O medo e o terror como catalisadores	48
O fortalecimento da guerra ideológica	52
Capítulo 4: Armas de Desilusão em Massa: a presença das Armas de Destruição em Massa nos discursos presidenciais de Bush.	58
Construindo uma guerra: o discurso da “ameaça mundial iminente”	62
Prenúncio de uma guerra às ADM pré 11 de setembro	66
11 de setembro e o andar da carruagem das ADM	70
As armas estão lá!	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
BIBLIOGRAFIA	81
Discursos do presidente George W. Bush	82
Artigos de jornais e revistas	83

INTRODUÇÃO

A guerra é uma constante no teatro das relações humanas. Seus personagens mudam com o passar do tempo, mas o enredo permanece, em grande parte, inalterado¹: um grupo humano entra em conflito com um grupo opositor por algum motivo específico; essa é a receita que forma a guerra.

Por toda a história da humanidade, as guerras se apresentam como frequentes. Os seres humanos travam disputas entre si que levam a combates, com repercussões em grande escala em algumas ocasiões; a paz mundial é uma frágil balança que pende ao menor toque. Não é de se espantar que, mesmo vivendo em um período de relativa paz² global, ainda existam conflitos no mundo, pois as guerras são quase uma condição humana. A questão é: quando elas ameaçam a humanidade? Melhor dizendo: quando ameaçam a parte “importante” da humanidade³?

Os seres humanos passaram por incontáveis conflitos armados, porém, com o passar das eras e com o exponencial desenvolvimento tecnológico, esses embates foram se tornando cada vez mais destrutivos e mortais. Assim, enquanto o teatro da guerra se desenrolava em suas apresentações, o mundo começava a clamar pelo fim de suas performances avassaladoras. Cada apresentação levava a um saldo de destruição cada vez mais arrasador e tenebroso; o homem era um bom ator nesse tipo de espetáculo. Após os grandes números da Primeira e da Segunda Guerra Mundial, ficou evidente que, caso os conflitos de larga escala continuassem, a humanidade iria se obliterar.

Mesmo com o medo da destruição mútua, a Segunda Guerra Mundial gerou a Guerra Fria⁴. Apesar de esta ser assim denominada por não ter envolvido o conflito armado direto entre as duas potências líderes de cada bloco opositor (Estados Unidos e União Soviética), o número de guerras acontecendo em separado com apoio das potências

¹ Para um melhor entendimento sobre a questão da presença da guerra na humanidade como uma constante de afinidade do ser humano em si, ler: KEEGAN, J. *Uma história da guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

² Quando afirmamos a existência de algo como uma paz relativa, fazemos alusão aos conflitos armados que estão acontecendo em todo o mundo. No entanto, esses embates não chegam a tomar proporções escatológicas e que incomodem a parte “ocidental” do mundo.

³ Ao utilizarmos o termo “importante”, referimo-nos ao Ocidente e à tendência dos ocidentais de notar a guerra como algo ruim quando acontece com eles, melhor dizendo, quando ela acontece em seus territórios e em suas zonas de influência.

⁴ A partir do ponto de vista adotado, compreendo a Guerra Fria como tendo sido a Terceira Guerra Mundial. Considero-a dessa forma pelo fato de que durante esse período aconteceu uma grande quantidade de conflitos armados que, contudo, não contaram com o choque direto entre as duas potências de cada lado da guerra: Estados Unidos e União Soviética.

de ambos os lados – embora sem um envolvimento direto – bem como a crescente produção de Armas de Destruição em Massa (ADM) fizeram com que o mundo enfrentasse o medo de uma guerra nuclear e a progressiva extinção da humanidade, no que ficou conhecido como Hecatombe Nuclear.

A ideia da Hecatombe Nuclear povoou o imaginário mundial, principalmente o americano, durante a maior parte da Guerra Fria. Não é à toa que existe um grande número de filmes e documentários, quadrinhos e músicas cujo tema é o fim do mundo por meio da ideia de um holocausto nuclear.

Para termos um vislumbre geral dessa situação, podemos falar de filmes como *O dia seguinte* (*The day after*), de 1983, escrito por Edward Hume e dirigido por Nicholas Meyer, que apresenta uma visão perturbadora sobre um possível ataque nuclear aos Estados Unidos e sobre a luta das pessoas para sobreviver ao holocausto nuclear. Outro exemplo é *Treze dias que abalaram o mundo* (*Thirteen Days*), de 2000, dirigido por Roger Donaldson e estrelado por Kevin Costner, drama em que é possível acompanhar como se deu o momento da crise dos mísseis em Cuba em 1962 e o desenrolar dos eventos que poderiam ter levado o mundo ao holocausto nuclear. Já na série de quadrinhos *Watchmen*, de 1986, produzida por Alan Moore, podemos observar diretamente o desespero da população em um dos personagens que, para evitar uma guerra nuclear, promove um atentado terrorista nos EUA com o objetivo de mostrar o que uma guerra nuclear poderia causar ao mundo. Também o filme *Zona Morta* (*Dead Zone*), de 1983, dirigido por David Cronenberg, toca no mesmo assunto: o personagem principal do filme, vivido por Christopher Walken, morre ao tentar impedir que um candidato a presidente dos Estados Unidos seja eleito, pois, assim que vencesse a eleição, o governante levaria o mundo à guerra nuclear. Ainda podemos acrescentar a essa lista a música *Two minutes to midnight*, da banda de Heavy Metal inglês Iron Maiden, que foi inspirada no relógio para o fim do mundo⁵.

⁵ O Relógio para o fim do mundo (Doomsday Clock) ou Relógio do Apocalipse foi criado em 1947 com o intuito de aludir a uma espécie de marcação do tempo que faltava para o fim da humanidade, acontecimento esse que chegaria no momento em que os ponteiros do relógio marcassem meia-noite. Essa alusão foi bastante utilizada durante a guerra fria (devido ao constante medo de uma guerra nuclear) e ainda hoje o é (na atualidade, o contexto do relógio visa a algo mais climático e à degradação ambiental do planeta até um ponto em que não existiria capacidade de a Terra sustentar a vida humana). Para informações mais atuais sobre o relógio, consultar: <<http://oglobo.globo.com/ciencia/relogio-do-apocalipse-adiantado-em-um-minuto-3640760>>. Acesso em 10 set. 2013; <<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/cientistas-adiantam-relogio-do-fim-do-mundo--2>>. Acesso em: 09 out. 2013.

Esses são apenas alguns exemplos de obras que retratam o medo da humanidade de ser destruída em uma guerra nuclear, sentimento bastante propagado pela cultura estadunidense do período Guerra Fria em diante.

Com a queda da União Soviética e o subsequente fim da Guerra Fria, as nações entraram em uma relativa era de paz. Os conflitos existiam e continuam existindo, mas não alcançavam uma grande escala⁶, ou – como mais costumeiro – não influenciavam no conforto das potências mundiais; ao contrário, podiam até gerar dividendos. Afinal, existem setores do capitalismo que vivem da guerra. Esses setores que lucram com o conflito bélico mantêm os combates em zonas periféricas, de modo que eles gerem ganhos monetários (venda de armas, contratação de mercenários, etc.) e não incomodem o Ocidente.

No ano de 2001, contudo, esse cenário de relativa paz mundial se alterou. Após uma conturbada eleição⁷, George W. Bush foi eleito presidente dos Estados Unidos. Dado o caráter favorável do governante às posições da extrema direita estadunidense e seu alinhamento com as políticas militares da Guerra Fria, havia uma grande especulação sobre a possibilidade de os Estados Unidos começarem uma guerra contra algum “inimigo mundial”⁸. Ocorre que a guerra é um construto que deve ser moldado de forma sólida, apresentando motivações firmemente fixadas, que façam com que a população de uma nação aceite a perda de soldados pelo bem maior⁹. Sendo assim, no dia 11 de setembro de 2001, surgiu o motivo para que a guerra acontecesse, e ele veio em grande estilo.

Em um atentado terrorista de grandes proporções, os Estados Unidos passaram da nação mais poderosa e intocável do mundo para um gigante alvo, com risco iminente de bombardeamentos, ou pelo menos foi isso o que o governo deixou transparecer após os ataques. A administração de George Bush lançava alertas por todo o país, informando do perigo de novos ataques, realizando operações secretas e prisões inexplicadas¹⁰. Toda

⁶ Ao tratar sobre conflitos de grande escala, pretendo me referir aos de porte mundial. Deixo claro que percebo que inúmeros conflitos aconteceram no mundo e, em alguns deles, notórios casos de genocídios, bem como confrontos violentos ocorreram, mas não tiveram influência no mundo ocidental de forma direta. Vale ressaltar que, quando não atinge o “ocidente”, o conflito é “apagado/ignorado” pelas potências mundiais. (POWER, Samantha. *Genocídio: a retórica americana em questão*. Companhia das letras, São Paulo, 2004.)

⁷ A eleição presidencial dos Estados Unidos em 2001 é um caso controverso: Michael Moore, em seu livro e documentário *Fahrenheit 11 de setembro*, afirma que a eleição foi um processo fraudulento; já o jornalista Eliot Weinberger, em seu livro *Crônicas da Era Bush*, defende que a eleição foi um verdadeiro golpe na constituição estadunidense.

⁸ WEINBERGER, Eliot. *Crônicas da Era Bush: o que eu ouvi sobre o Iraque*. Editora Record, Rio de Janeiro, 2006. p. 23.

⁹ JOHNS, Andrew L. Introduction: Hail to the Salesman in Chief. In: *Selling War in the Media Age*.

¹⁰ MOORE, Michael. *O livro oficial do filme Fahrenheit 11 de setembro*. Francis: São Paulo, 2004.

essa agitação fez com que a sociedade amedrontada dos EUA chegasse a ponto de um surto paranoico quase total¹¹, finalizado quando as primeiras cartas com antraz¹² surgiram.

Existe um ditado corriqueiramente usado em momentos de crise, segundo o qual “tempos desesperadores pedem medidas desesperadas”. A ideia básica dessa máxima é a de que em situações difíceis e complicadas se faz necessária a tomada de ações que possam ir de encontro aos ideais do grupo afetado. As forças armadas dos Estados Unidos já haviam invadido o Afeganistão e, após três meses de guerra, Bush lutava para conseguir criar um convencimento nacional e mundial em torno da mudança de eixo das Guerras Contra o Terror (GCT) para o Iraque. Nessa batalha pela opinião pública pró-guerra, o presidente implantou o Ato Patriota¹³ (Patriot Act), dispositivo jurídico que acrescentava uma enorme quantidade de poderes ao governo estadunidense para realizar intervenções em solo americano, tais como prisão de civis sem acusação formal, implantação de grampos em telefones e de escutas, com o pretexto de coibir o terrorismo em solo nacional, solidificando, assim, as bases da Doutrina Bush.

Com o aval da população norte-americana e contra a vontade dos órgãos internacionais, Bush conseguiu invadir o Iraque sob o pretexto de destruir as Armas de Destruição em Massa (ADM) que lá existiam. O início do segundo frente, tendo o Iraque como palco, acabou por criar o que Antonio Negri e Michael Hardth denominaram, em

¹¹ MAYER, Jane. *The Dark Side*. Doubleday: New York, 2008.

¹² O Antraz é uma bactéria encontrada, normalmente, na natureza, mas pode ser transformada em uma arma biológica quando produzida na forma de pó e lançada na atmosfera ou enviada (no caso referido, em cartas). Para mais informações sobre o antraz e suas várias formas, conferir o site: <<http://www.grupoescolar.com/pesquisa/antrax.html>>. Acesso em: 07/05/2013

¹³ O ato conhecido como Ato Patriota possui o nome completo de “Ato Patriota dos EUA: preservando a vida e a liberdade (unindo e fortalecendo a América por meio do provimento das ferramentas necessárias requeridas para interceptar e obstruir o terrorismo)”. Em sua definição, presente no site da justiça estadunidense, afirma-se que: a primeira prioridade do Departamento de Justiça é prevenir futuros atentados terroristas. Desde sua aprovação após os ataques de 11 de setembro de 2001, o Ato Patriota tem desempenhado um papel fundamental – e muitas vezes o de liderança – em uma série de operações bem-sucedidas para proteger os americanos inocentes dos planos mortais de terroristas dedicados a destruir a América e o nosso modo de vida. Embora os resultados tivessem sido importantes, ao passar o Ato Patriota, o Congresso previa modestamente mudanças incrementais na lei e, por isso, simplesmente tomou princípios legais existentes e os adaptou para preservar a vida e a liberdade do povo norte-americano, partindo dos desafios colocados por uma rede terrorista global. Tradução livre feita pelo próprio autor, retirada do site da justiça dos EUA. Disponível em: <<http://www.justice.gov/archive/ll/highlights.htm>>. Acesso em: 03 jan. 2013. Aconselhamos também a leitura deste artigo: PINTO FILHO, Francisco Bilac Moreira et al. O Ato Patriota norte-americano e a restrição a direitos. *Cadernos da Escola de Direito e Relações Internacionais*, n. 08, 2011. Disponível em: <<http://apps.unibrasil.com.br/revista/index.php/direito/article/viewFile/737/627>>. Acesso em: 10 set. 2013.

seu livro *Multidão*, um estado de guerra permanente¹⁴. Isso acarretaria o gradual processo de desestruturação da democracia no mundo. Com a guerra permanente, o mundo viveria em um estado de exceção interminável, que colocaria em perigo a paz mundial, bem como os direitos humanos de todos os cidadãos do planeta. Dessa forma, durante os oito anos da administração Bush, o governo dos Estados Unidos manteve o mundo em um estado de alerta permanente e preocupante, que só se modificou, relativamente, após a sua saída da presidência.

Assim a guerra mantém uma constante no mundo. Ela evoluiu para um ser metamorfoseado que pode atacar fronteiras não definidas: não é mais feita contra estado(s), mas sim contra uma ideologia; é o combate direto a uma prática de luta insurgente, que põe por terra as noções de fronteiras que as guerras possuíam. Em decorrência dessa evolução do modo de se operar a guerra, faz-se *mister* continuarmos estudando esse tema, porque a guerra se transformou em algo maior e, consideravelmente, mais perigoso.

Devido a essa influência da guerra na história da humanidade, bem como em nossa atualidade, é de extrema importância que mais estudos que tenham por objetivo analisar a formação e a estruturação das guerras sejam realizados para podermos compreender melhor a formação desses espetáculos que, a cada dia, destroem um pouco o nosso planeta. A guerra, como tudo na história, é construída, e essa construção segue uma ordem; por meio do estudo do tema podemos compreender, pois, o processo de formação dela e manter posições firmes contra as suas apresentações.

A construção de uma guerra

Os atentados de 11 de setembro marcaram a entrada do século XXI com um banho de sangue digno de Hollywood. Basta fazermos uma rápida observação das manchetes publicadas naquele dia ao redor do mundo que teremos uma ideia mínima do que foi e o que representou aquele evento para a maior parte da população mundial.

O *New York Times* publicou no dia 11: “Milhares temeram a morte quando o World Trade Center foi derrubado”. Em outra manchete do *NYT* se lia: “Em Washington, um ataque a um símbolo do poder americano”. Em uma terceira chamada havia: “Líderes mundiais chocados pelos ataques em Nova York e Washington”. No Brasil, um artigo da

¹⁴ HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. *Multidão: guerra e democracia na era do Império*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

Folha de São Paulo anunciava o “Fim do Mundo” e outra manchete informava que o “Terrorismo expõe fragilidade da nação mais poderosa diante da guerra Santa”. Dois dias após o atentado, a *Folha* publicou uma edição especial do jornal denominada “Guerra na América”, contendo matérias que detinham um tom de guerra generalizada e de apocalipse. O jornal espanhol *El País* anunciava: “Acontece o Choque de Culturas”. Em outra manchete se declarava: “As televisões transmitem as piores imagens do horror”. O *Le Monde* da França publicava em uma manchete que “A América está sofrendo um Pearl Harbor terrorista” e, em outra reportagem, veiculava: “Emblemas de poder e riqueza, as ‘Irmãs Gêmeas’: Nova York entra em colapso” e “América sob ataque, ao vivo nas telas do mundo”. O correio inglês *The Guardian* chamava a atenção com as manchetes “Uma declaração de guerra” e “Dia de terror invoca sombras sobre o Oriente Médio”. Por fim, o mesmo jornal divulgou outra chamada intitulada “A soma de todos os medos¹⁵”.

A partir da leitura de todas essas manchetes podemos fazer uma observação geral do cenário apresentado pela imprensa mundial acerca dos atentados. A mídia tratou o dia

¹⁵ Todas as traduções apresentadas no decorrer do trabalho são produções realizadas pelo próprio autor. BARROW, James. Thousands Feared Dead as World Trade Center is Toppled. *New York Times*, 11 set. 2001. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2001/09/11/national/11WIRE-PLAN.html?pagewanted=all>>; STOUT, David. In: Washington, an Attack on a Symbol of American Power. *New York Times*, 11 set. 2001. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2001/09/11/national/11CND-PENT.html?pagewanted=alork and Washington>>. *New York Times*, 11 set. 2001. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2001/09/11/international/11CND-WORLD-REAX.html>>; CATANHÊDE, Eliane. Fim do mundo. *Folha de São Paulo*, 11 set. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/ult681u5.shtml>>; DIMENSTEIN, Gilberto. Terrorismo expõe fragilidade da nação mais poderosa diante de guerra Santa. *Folha de São Paulo*, 11 set. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/ult508u33.shtml>>; GIL CALVO, Enrique. Hacia el choque de culturas. *El País*, 12 set. 2001. Disponível em: <http://elpais.com/diario/2001/09/12/opinion/1000245609_850215.html>; GUTIERREZ, Miren. Las televisiones no emitieron las peores imágenes del horror. *El País*, 13 set. 2001. Disponível em: <http://elpais.com/diario/2001/09/13/internacional/1000332040_850215.html>; LE MONDE. L'Amérique sous le choc d'un « Pearl Harbor » terroriste. *Le Monde*, 12 set. 2001. Disponível em: <http://www.lemonde.fr/cgi-bin/ACHATS/acheter.cgi?offre=ARCHIVES&type_item=ART_ARCH_30J&objet_id=721811&xtmc=wtc&xtcr=3>; EDELMANN, Frederic; DE ROUX, Emmanuel. Emblèmes de puissance et de richesse, les « Deux Soeurs » de New York se sont effondrées sous l'impact. *Le Monde*, 13 set. 2001. Disponível em: <http://www.lemonde.fr/cgi-bin/ACHATS/acheter.cgi?offre=ARCHIVES&type_item=ART_ARCH_30J&objet_id=721831&xtmc=comme_un_chateau_de_cartes&xtcr=1>; KRAUZE, Jan. « America under attack », en direct sur les écrans du monde entier. *Le Monde*, 13 set. 2001. Disponível em: <http://www.lemonde.fr/cgi-bin/ACHATS/acheter.cgi?offre=ARCHIVES&type_item=ART_ARCH_30J&objet_id=721815&xtmc=amerique&xtcr=31>; BROWN, Derek. Day of terror casts shadow over Middle East. *The Guardian*, 11 set. 2001. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2001/sep/11/september11.usa20?INTCMP=SRCH>>; LEADER. The sum of all our fears. *The Guardian*, 12 set. 2001. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2001/sep/12/september11.britainand911?INTCMP=SRCH>>. Caso seja necessário, ainda é possível encontrar as fotos das capas dos principais jornais dos Estados Unidos e da Inglaterra dos dias 12 e 13 de setembro de 2001 no site <<http://www.september11news.com/WorldPapersUK.htm>>.

11 de setembro de 2001 como o início de algo semelhante a um microapocalipse nos Estados Unidos, um ataque avassalador e desesperador para o povo da nação mais hegemônica do mundo, que nada podia fazer, exceto assistir toda a situação. É devido, em parte, a essa cobertura midiática que a imagem de que a destruição dos Estados Unidos seria o prelúdio do fim do “mundo civilizado” (tão presente nos discursos de George Bush) irá se afirmar frente à comunidade estadunidense; afinal, se o mundo tratava o ataque como algo apocalíptico, imaginemos, então, como agiriam aqueles que sofreram o atentado.

Os atentados e as ações do presidente referentes a esse momento são tão importantes que o professor Henrique Alonso se utilizou do discurso de Bush para dar início ao texto da sua tese de doutorado, cujo tema era as relações entre Brasil e EUA durante o período da Aliança para o Progresso¹⁶ e a construção das chamadas “ilhas de sanidade”. Um estudo sobre Brasil na década de 60 tem seu início nos EUA do século XXI, tudo isso devido aos atentados terroristas.

Entretanto, o mundo já viu ataques bem piores e mais aterradores que o de 11 de setembro, a saber: os ataques nucleares a Hiroshima e Nagasaki no final da Segunda Guerra Mundial, a ascensão do Kmer Vermelho no Camboja e os ataques com gás sarin perpetrados por Saddam Hussein contra os Curdos no Iraque. Esses foram momentos bem mais obscuros e dantescos da humanidade que superaram os atentados de 11 de setembro em escalas escatológicas de terror, de morte e de destruição; no entanto, a imprensa ocidental tratou esse único ataque como o “maior atentado terrorista da história”, o que, quando analisamos em um escopo maior, compreendemos como uma supervalorização dos fatos.

Além disso, justamente devido ao que se convencionou chamar de “maior atentado terrorista da história”, o mundo viu o início de uma guerra que ainda não teve fim e não apresenta qualquer sinal de finalização em um futuro próximo. O terrorismo¹⁷ não é um inimigo comum, não possui territórios definidos, nem se utiliza de táticas convencionais de combate; ele é uma ideia, que com a crise econômica e as guerras contra os povos oprimidos só tem a se fortalecer a cada dia. Com base nessa premissa, afirmamos que as

¹⁶ PEREIRA, Henrique Alonso de A. R. *Criar ilhas de sanidade: os Estados Unidos e a aliança para o progresso no Brasil*. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

¹⁷ Adianto que, ao utilizar o termo “terrorista”, estou assumindo a definição de terrorismo adotada pelo governo estadunidense. Contudo, não compartilho a ideologia de que todos os grupos opositores ao governo dos EUA são terroristas. Um debate acerca do posicionamento da pesquisa quanto ao terrorismo será apresentado no capítulo 2.

GCT provavelmente continuarão, pois, mesmo que os combates no Iraque tenham chegado ao fim, o governo estadunidense ainda terá muito a combater. Sabendo disso, elenco como de vital importância a busca por compreender os eventos que construíram essa guerra, melhor dizendo, por entender como a administração Bush construiu essa guerra.

A máquina governamental é um instrumento poderoso para formar a opinião pública de uma nação¹⁸, e nos Estados Unidos isso não é diferente; para realizar qualquer intervenção externa, o governo necessita do apoio de sua população e é com a retórica que ele conquista esse apoio. Tendo em vista a viabilização da Guerra no Iraque, a administração Bush realizou um exercício discursivo poderoso a fim de possibilitar a migração do conflito, que se desenrolava no Afeganistão e passou a se desdobrar também no Iraque.

Essa retórica é o recurso apresentado pelo governo para o mundo como uma forma de garantir o apoio às suas decisões. Tendo em vista o desenvolvimento e o embasamento dessa retórica, a administração Bush se apoia em argumentações que colaboram para construir uma operação discursiva que mantenha e refine uma imagem preconceituosa dos países árabes, transformando o Iraque em um espaço do medo, em um local onde é perigoso viver e que precisa ser pacificado.

Para observar como essa retórica se constrói, optei pela análise dos discursos do presidente Bush, já que compreendo que é por meio desses discursos que o governo cria a representação acerca daquele determinado espaço. Dessa forma, realizo uma análise de discursos selecionados, tal qual Edward Said optou por fazer em sua obra *O orientalismo*. Diferentemente da análise de discurso sugerida por Foucault (seleção de uma gigantesca gama de discursos), decidiu-se que a melhor opção para esta pesquisa era a análise de um grupo particular de discursos do presidente.

Ao analisar a retórica do dirigente dos Estados Unidos e o desenrolar do processo de formação das GCT, pensamos no seguinte problema: de que modo a administração Bush criou e se utilizou da retórica pró-guerra como uma forma de viabilizar a invasão

¹⁸ Quando me refiro ao termo “nação”, estou tratando do tema da Nação Estadunidense, tendo em vista que os EUA surgiram como uma nação, unida sob uma identidade, e tomou para si o papel de polícia do mundo, bem como de farol da humanidade, que deve proteger e guiar todos rumo à civilização. Esse tema é muito bem abordado em várias obras, como *Mitos sobre a fundação dos Estados Unidos*, de Raphael Ray; *Estados Unidos: a formação da nação*, de Leandro Karnal; *Uma nova República: história dos Estados Unidos no século XX*, de John Luckacs, o que pode ser percebido no artigo *Representações políticas do território latino americano na revista Seleções*, de Mary Anne Junqueira, e no artigo *O sentido de missão no imaginário político norte americano*, de Cecília Azevedo. Vale salientar que esses são apenas alguns dos que tão bem trabalharam o tema da nação estadunidense e seu imaginário como farol da humanidade.

do Iraque. Para tanto, pretendo cumprir alguns objetivos que considero relevantes para a pesquisa.

Assim, o objetivo central do trabalho foi fazer uma análise sobre como se construíram as representações¹⁹ edificadas pelo governo estadunidense durante a administração de George W. Bush, as quais atribuíam ao Iraque e aos árabes a condição de terroristas. À medida que tentávamos alcançar esse objetivo principal, alguns objetivos secundários surgiram no decorrer da pesquisa: estudar como essas representações sobre um determinado inimigo foram construídas para, entre outros motivos, justificar as ações militares do governo estadunidense no exterior e, além disso, ainda criar e desenvolver uma espacialidade (o *Eixo do Mal*) que, supostamente, seria uma ameaça mundial. Outro objetivo secundário consistiu em evidenciar as formas por meio das quais a administração Bush se utilizou do tema das Armas de Destruição em Massa e do medo gerado por ele, como um catalizador pró-guerra.

Um estudo que visa a responder as questões anteriormente elencadas pode ser feito com vários grupos de fontes diferentes (jornais, entrevistas, blogs, livros, etc.); no entanto, para realizar este trabalho, selecionamos um grupo seletivo de fontes. Ocorre que nossa pretensão nesse momento é analisar a forma como se deu o discurso oficial do governo estadunidense, entendendo que tais documentos são os necessários para se atender aos objetivos propostos aqui, pois os discursos do governo são a forma bruta da tentativa de moldar a opinião pública e surgem em resposta à retórica presidencial. Sabemos que, com o surgimento de críticas e observações, a favor dessa pesquisa ou contrárias a ela, já estaremos contribuindo para cumprir o nosso objetivo de manter a discussão sobre o tema na academia.

Utilizamo-nos, para fins de estudo, dos pronunciamentos oficiais de Bush, por considerarmos que esses discursos marcados apresentam uma preparação maior da parte dele e muitas vezes o texto é, inclusive, escrito por um especialista, visando a captar melhor a opinião pública favorável. Em outras palavras, o pronunciamento oficial tem mais chance de moldar a opinião do público alvo, sendo de grande importância para nossa pesquisa a forma como o governo tentou realizar essa manipulação. Já que pretendemos evidenciar o modo pelo qual o governo estadunidense, durante a administração Bush

¹⁹ Vale salientar que o conceito de representação adotado no trabalho é o tão bem definido por Roger Chartier, em que a representação é a tentativa de dotar de significados algo que não possui uma imagem clara para o observador daquilo. Dessa forma, a representação seria a criação de signos para algo a fim de explicá-lo a partir da lógica do observador. CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

filho, construiu a Guerra no Iraque, foram selecionados os pronunciamentos que tocavam na questão das Guerras Contra o Terror. Esses discursos podem ser divididos em dois grupos, um principal e outro secundário.

Como grupo principal, podem-se citar aqui os sete discursos do *State of Union* (Estado da união) realizados nos anos de 2002 até 2008. O *State of Union*, “estado da união” em tradução livre, é o discurso oficial mais importante do presidente dos Estados Unidos. De acordo com o artigo dois da seção três da Constituição Americana, o presidente em exercício tem por dever de tempos em tempos proferir um discurso no Congresso Nacional informando como está o estado da União. Em 1790, quando George Washington proferiu o primeiro discurso para o Congresso, o *State of Union* foi oficializado e, desde então, esse ato se repete anualmente, sendo convencionado fazê-lo no início do ano. Foi justamente em um desses discursos que James Monroe lançou as bases da Doutrina Monroe, que Lincoln pediu o fim da escravidão, que Roosevelt falou das quatro liberdades e que George W. Bush deu início às Guerras Contra o Terror²⁰.

Por considerarmos esse discurso como de imprescindível importância para a comunidade estadunidense, bem como para a mundial, nós os selecionamos enquanto grupo principal a ser analisado neste trabalho. O grupo secundário será composto por outros pronunciamentos oficiais realizados por George W. Bush, com a temática voltada para as GCT ou as ADM, tais como: o de 11 de setembro de 2001; o de 21 de setembro de 2001, realizado no Congresso Nacional; o ultimato a Saddam Hussein. Na análise desses textos, queremos observar de que modo se constrói o processo de criação dos inimigos mundiais, assim como a necessidade da guerra.

A partir do estudo dessas fontes, pretendemos compreender melhor o modo como o governo estadunidense cria um exercício discursivo para formar a opinião pública em favor da guerra.

A pesquisa foi dividida em dois momentos específicos, visto que alguns esclarecimentos foram necessários para que os objetivos sugeridos se cumprissem de maneira satisfatória. Dessa forma, este estudo apresenta duas partes diferentes e em cada uma delas se encontram dois capítulos – o primeiro momento foi denominado “Pensamentos teóricos sobre questões da atualidade”; o segundo, “P4BR: o agressivo

²⁰ OBAMA, Barack. *State of Union*. Washington, 2012. Disponível em: <http://photos.state.gov/libraries/ukraine/164171/pdf/state_union10.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2012.

jogo de xadrez da administração Bush”²¹. Essa estrutura organizacional foi adotada de modo a facilitar a leitura e a compreensão do trabalho pelos leitores.

Sendo assim, a primeira etapa mencionada consiste em um momento direcionado à realização de um debate de cunho teórico; dedicamo-nos nela a analisar questões importantes ao trabalho e que se fizeram necessárias às subseqüentes análises das fontes. O primeiro capítulo exerce a função de esclarecedor teórico da pesquisa, sendo assim denominado “Estudos históricos de um tempo mais que presente”; nele pretendemos realizar uma discussão teórica sobre o ato de fazer a pesquisa histórica de um tempo presente, ou imediato.

Por meio das reflexões apresentadas no capítulo 1, evidenciamos a importância de se realizar um trabalho no âmbito acadêmico da história em um recorte temporal recente. Desejamos enfatizar que o historiador pode e deve pesquisar um tempo mais atual, pois esse recorte não é exclusividade da sociologia, do jornalismo e de outras ciências com foco na atualidade. Para tanto, dialogamos com autores que trabalham e pensam o Tempo Presente como um período histórico viável, bem como realizamos um questionamento sobre as fontes e os problemas decorrentes da pesquisa histórica em um momento recente.

No segundo capítulo dessa primeira parte, continuamos apresentando questões teóricas importantes ao estudo que se seguirá na segunda seção. Denominando-o “Insurgentes ou terroristas: compreensões sobre o inimigo mundial”, pretendemos realizar um debate sobre o terrorismo em si. Nesse capítulo pretendemos, a partir de uma ótica pós-colonial, desconstruir a ideia de “quem é” e “o que é” o terrorismo, discutindo questões como hegemonia, ideologia, fundamentalismo, terrorismo e o próprio discurso pós-colonialista. Escolhemos trabalhar dessa forma para deixar claro, durante a segunda parte do trabalho, o que entendemos por terrorismo e quais são as nossas posições sobre os conceitos utilizados para definir certos grupos enquanto inimigos mundiais e ameaças a determinados grupos.

Tendo concluído esses dois capítulos da primeira parte e, por conseguinte, deixando esclarecidos nossos pontos de vista teóricos e metodológicos sobre o trabalho, iniciaremos a segunda seção, na qual analisamos as fontes propriamente ditas. O segundo momento se dividirá em outros dois capítulos, nos quais tentaremos apresentar os aspectos dos pronunciamentos oficiais do dirigente dos EUA. Para tanto, realizamos uma

²¹ P4BR é uma sigla para definir um tipo específico de abertura de uma partida de xadrez e significa “peão na quarta casa do bispo do rei”. Essa abertura de jogo conduz a uma partida bastante agressiva e aberta, em que o jogador investirá em um forte ataque contra o seu oponente.

análise esmiuçada dos seus dizeres de forma a evidenciar como se deu a produção do contexto em favor da guerra no Iraque.

No primeiro capítulo da segunda parte e terceiro do trabalho, denominado “FEAR: Formas Evoluídas de Argumentação Restritiva”, abordamos especificamente os discursos do presidente Bush. Nesse momento nos dedicaremos a analisar como surge nesses discursos a questão do medo e do terror. Para tanto, faremos um estudo detalhado dos pronunciamentos oficiais do presidente, visando a apresentar a forma pela qual Bush recorre ao tema do medo e do terror no intuito de gerar um catalizador para a opinião pública pró-guerra. Compreendemos que foi por meio desse exercício discursivo que a administração Bush conseguiu viabilizar projetos e leis que diminuam, sensivelmente, as liberdades civis dos estadunidenses.

Por fim, no quarto e último capítulo da dissertação focaremos precisamente nos momentos em que Bush toca no assunto das Armas de Destruição em Massa. Pretendemos realizar, assim, uma análise da evolução dos relatos sobre as ADM (utilizados como recurso argumentativo) nos discursos do presidente. Dividimos esse uso das ADM nos discursos em três momentos: o primeiro se dedica ao período que engloba desde a posse do presidente até antes da Guerra no Iraque; no segundo momento, pretendemos apresentar esses discursos do período da guerra e a busca pelas tais armas; por fim, mostraremos como as ADM surgiram nos discursos a partir do momento em que já havia sido evidenciado que elas não existiam no Iraque.

Pensamos que, com essa divisão, o trabalho conseguirá abarcar seus objetivos e esclarecer como se deu a construção da GCT nos Estados Unidos. Esperamos que as questões teóricas e metodológicas, bem como as análises dos pronunciamentos, possam gerar inquietações além das desejadas na realização da pesquisa, de forma a promover novos caminhos para futuros estudos sobre o tema.

Então, tal qual Edward Said fez em sua obra *O orientalismo*²², este trabalho apresenta a pesquisa de um tema que oferece possibilidades amplas. Deixamos claro que, devido ao tempo destinado à produção deste estudo, não podemos abarcar todas as suas nuances acerca do combate ao terrorismo pós 11 de setembro de 2001; entretanto, vale frisar que cumprimos exatamente o que nos propusemos a estudar. Mantendo o debate sobre o tema, apontamos novos rumos que outras pesquisas podem tomar, visando a

²² SAID, Edward. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

oferecer novas possibilidades de debate, o que é fundamental para um trabalho acadêmico, pois este não deve ter um fim em si mesmo.

PARTE I: PENSAMENTOS TÉORICOS SOBRE QUESTÕES DA ATUALIDADE

Capítulo 1: Estudos históricos de um tempo mais que presente

Estados Unidos da América, nação hegemônica, o país que dita as regras do mundo, seja por meio da influência econômica ou pelo exercício da força militar. Desde o fim da

Guerra Fria, os Estados Unidos mantinham sua posição de nação líder do mundo, atribuindo-lhes a função de protetores e mantenedores da ordem mundial. Eram intocáveis e bem protegidos pelo maior orçamento militar da história da humanidade²³, mas esse cenário começou a se modificar com a chegada de George W. Bush à presidência. Após desastrosas decisões de cunho econômico e uma guerra extremamente dispendiosa, a administração Bush quebrou o país e o lançou em uma crise econômica de grandes proporções. Além disso, tendo em vista que a economia mundial é interligada, quando uma nação como os Estados Unidos entra em crise, o resto do mundo segue o mesmo rumo catastrófico. A crise econômica, desencadeada em 2008, apresentou ao mundo a possibilidade do declínio estadunidense como nação hegemônica mundial; contudo, uma possibilidade não garante a sua concretização em um futuro próximo.

Em nossa contemporaneidade, os Estados Unidos passam por uma crise que pode aparentar o enfraquecimento da nação, principalmente do ponto de vista político-econômico, o que acarretaria a perda – em parte – de sua influência global. Essa situação se deve à grande crise financeira de 2008-2009, pois, com o declínio econômico e os problemas internos gerados por ele, o governo estadunidense passou a perder gradativamente seu poder de ação sobre outras nações do mundo, e essa queda vem reduzindo cada vez mais a sua situação hegemônica. Enquanto isso, outros países, como China e Brasil, crescem em economia e em influência política.

Ao final da administração de George W. Bush, uma grave recessão se abatia sobre o mundo e, na condição de centro dessa crise, os estadunidenses estavam entre os que mais sofreram com ela. Esse declínio econômico acentuado do poder estadunidense deu origem a algumas teorias, como a de que um novo cenário mundial se formava e a de que o planeta estava se tornando mais equilibrado na divisão de forças. Evidentemente, os EUA ainda são a potência mundial de maior poder de ação e é inegável que o declínio está ocorrendo; porém, isso não significa que o planeta está rumando para o surgimento de uma nova ordem mundial menos polarizada, dividida entre um maior número de nações.

Vejamos que a ordem hegemônica mundial é mantida por vários fatores, sendo a economia um deles, portanto seria praticamente impossível que os EUA perdessem seu posto hegemônico, já que somente em um desses fatores o país está declinando. Em seu

²³ No prefácio da edição de 2003 (contido na edição de bolso de 2007) do seu livro clássico, *O Orientalismo*, Edward Said afirma que o orçamento militar dos Estados Unidos é o maior de toda a história da humanidade. Ver: SAID, Edward. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

artigo, denominado *Três perspectivas sobre a política externa dos Estados Unidos: poder, dominação e hegemonia*, Alessandro Eugenio Pereira faz uma análise de três correntes de pensamento das relações internacionais para analisar as possibilidades de se concretizar a tese do surgimento de uma nova ordem mundial, e, nas três vertentes, evidencia-se que atualmente os Estados Unidos não correm o risco de perder seu posto de nação hegemônica²⁴.

Em linhas gerais, essa impossibilidade de perda ocorre devido ao fato de que, após a Segunda Guerra Mundial e o fim da Guerra Fria, os Estados Unidos desenvolveram um novo modo de se fazer o controle político, econômico e cultural do mundo. O controle mundial foi fracionado pelas grandes corporações que, em grande medida, exercem o controle econômico mundial sem se influenciarem diretamente pelos governos de seus países de origem, mas ainda assim fortalecem a dependência de outras nações aos países sede das multinacionais²⁵. Portanto, o fim da hegemonia estadunidense seria mais um sonho do que uma realidade relativamente tangível.²⁶

Todo esse debate sobre a hegemonia estadunidense mundial foi construído a fim de evidenciar como o estudo de um Tempo Presente é relativamente complicado para os historiadores que abraçam essa aventura insólita. Na realidade, esse tempo não é bem aceito entre os estudiosos da História, uma vez que não conseguem ou simplesmente não querem deslocar seus objetos de estudo do passado distante para a contemporaneidade. Essa atitude é reflexo de uma tradição academicista segundo a qual o historiador seria o

²⁴ PEREIRA, Alessandro Eugenio. Três perspectivas sobre a política externa dos Estados Unidos: poder, dominação e hegemonia. *Rev. Sociol. Polit.*, jun. 2011, v. 19, n. 39, p. 237-257.

²⁵ Esse controle mundial por parte de conglomerados de empresas foi o que Michael Hardt e Antonio Negri denominaram Império e Alessandro Eugenio definiu como um dos motivos da impossibilidade da quebra hegemônica estadunidense. HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. *Multidão: guerra e democracia na era do Império*. Rio de Janeiro: Record, 2005. PEREIRA, Alessandro Eugenio. Três perspectivas sobre a política externa dos Estados Unidos: poder, dominação e hegemonia. *Rev. Sociol. Polit.*, jun. 2011, v. 19, n. 39, p. 237-257.

²⁶ Para mais informações acerca do possível fim da hegemonia estadunidense, aconselhamos a leitura dos artigos: CAPINZAIKI, M. A crise financeira internacional e o poder americano: influências sobre o alcance da reforma do FMI. *Revista Aurora*, América do Norte, 6 dez. 2012. Disponível em: <<http://revistas.marilia.unesp.br/revistas/index.php/aurora/article/view/2697/2121>>. Acesso em: 26 maio 2013. GARCIA, Ana S. Emergindo de onde e para onde? Países "emergentes" e a possibilidade de configuração de uma nova ordem mundial. In: 3º ENCONTRO NACIONAL ABRI 2001, 3., 2011, São Paulo. Proceedings online... Associação Brasileira de Relações Internacionais Instituto de Relações Internacionais - USP, 2011. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000122011000100016&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 26 maio 2013. HO-FUNG, Hung. O braço direito dos Estados Unidos? O dilema da República Popular da China na crise global. *Novos estud. - CEBRAP*, São Paulo, n. 89, mar. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002011000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 maio 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002011000100002>.

responsável pelo estudo do passado distante, enquanto o presente faria parte da alçada do sociólogo, do jornalista. Parte do preconceito contra esse tempo histórico advém de alguns problemas provenientes do estudo de um tempo recente.

Problemas do estudo do “atual”

Atualmente a sociedade se modifica em um movimento incessante; muitas vezes essas mudanças acontecem de forma imperceptível, em outras elas vêm de uma forma suavizada, mas, em alguns casos, essas transformações se dão de forma tão abrupta e drástica que colocam o mundo em um estado de tensão e apreensão. Nessas situações de alteração repentina da realidade, as pessoas acompanham os telejornais todos os dias se perguntando “E agora?”, “O que será que acontecerá?” ou, simplesmente, assistem estupefatas àquela situação.

Esses momentos são aqueles que os veículos midiáticos convencionaram chamar de “momentos históricos”, nos quais algo (em tese) realmente significativo acontece e deve marcar a população de uma forma bastante expressiva, para o bem ou para o mal. Todavia, existe um grande problema nessa prática dos canais midiáticos de convencionar que algo é um acontecimento “histórico”. Nós, historiadores, estamos habituados a situar nossos objetos no passado – não necessariamente em um passado remoto, mas no passado – e, quando um jornalista ou qualquer outra pessoa afirma que um acontecimento é histórico, essa classificação indiretamente exige que elaboremos uma análise a respeito daquilo que está ocorrendo.

Essa rotulação, em grande parte, gera um problema de ordem básica: supondo que no presente um jornalista (ou outro alguém) defina algo como histórico, imediatamente os historiadores deveriam ter algo a informar sobre o acontecimento ou anotar em sua memória/seu calendário histórico tudo o que puder sobre esse fato, de forma a preservá-lo para as gerações futuras, mesmo porque, uma vez definido como histórico, cabe ao estudioso da área historicizar a informação acerca do ocorrido. Isso nos remete à seguinte questão básica: o jornalista tem a capacidade de definir o que é histórico ou não? Melhor dizendo, quem tem capacidade de definir o que é histórico ou não? Ocorre que, na maioria dos casos, essas definições não são realizadas pelos historiadores, e sim pelos estudiosos do “presente”.

Entretanto, esse não é o único problema advindo do fato de se definir fatos atuais como fatos históricos. Em nossa sociedade atual, diariamente acontecem coisas de

extrema significância para a história e, partindo dessa perspectiva, nós historiadores seríamos tragados do conforto de nossos objetos presos no passado e levados para um caótico presente mutável. Afinal, temos de formar opinião sobre esses acontecimentos considerados históricos.

Podemos ilustrar essa problemática do acontecimento histórico da seguinte maneira: em seu livro *Nos destinos de fronteira*, o professor Durval Muniz²⁷ apresenta em um dos artigos uma crônica da autora Clarice Lispector. O texto da crônica faz um relato sobre a ida do primeiro cosmonauta (Iuri Gagarin) ao espaço e sobre como essa viagem mudou a forma de se perceber o mundo, a partir do famoso enunciado “eu vejo a Terra. Ela é azul”. Em seu artigo, Durval apresenta e analisa essa crônica, tendo em vista o fato de que, a partir do momento em que Gagarin se desterritorializa, ele passa a ser o único no planeta que sabe a sensação de experimentar, de forma plena e verdadeira, tal evento. Independentemente da maneira pela qual as pessoas tentem descrever esse fato, elas não conseguirão, pois somente ele passou por isso.

Durval Muniz se utiliza da crônica de Clarice para desenvolver um texto que tenha como foco o estudo da categoria “espaço”. No entanto, o que pretendo aqui é chamar a atenção para outro foco da mesma crônica e do mesmo artigo: o tempo presente. Clarice escreveu a crônica para se pronunciar sobre aquele fato de grande importância e, apesar de não saber bem o que expressar e sentir certa angústia por isso, ela tentou expor seu ponto de vista sobre a ida do homem ao espaço. E os historiadores da época? Será que sentiram o mesmo impulso? Ou ficaram presos ao seu tempo de estudo?

Todavia, não é essa a questão que quero destacar, mas sim a quantidade de casos desse tipo que ocorrem. No momento da viagem de Gagarin, as informações não se disseminavam de forma rápida: poucas pessoas tinham acesso aos principais meios de comunicação, a internet não passava de um sonho e a televisão engatinhava. Quando algo assim acontecia, geralmente, era um fato raro e demorava meses e anos para outro fato “histórico” aparecer, mas, com o passar das décadas, esse cenário se alterou de drasticamente.

Com a evolução das tecnologias de comunicação, o mundo passou por mudanças rápidas e decisivas; essas evoluções tecnológicas conectaram o mundo de uma forma nunca vista. Acontecimentos podem ser acompanhados em tempo real, mesmo quando estão ocorrendo no outro lado do planeta, de modo que se opera uma surpreendente

²⁷ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2008. p. 89-91.

supressão do espaço e do tempo devido à velocidade de transferência de dados pelo mundo. Munida de um aparelho celular, uma pessoa pode transmitir ao vivo, por exemplo, o desastre que um *tsunami* causou no Japão. Devido ao aumento da velocidade de transmissão das informações, os grandes acontecimentos no mundo são mostrados instantaneamente, o que faz um fato potencialmente histórico surgir e ficar conhecido na maior parte do mundo, muito mais rápido do que há vinte anos. Por outros termos, os fatos históricos não estão acontecendo de forma mais rápida, mas sendo veiculados pelo mundo aceleradamente, na rede de informações da internet. Isso pode causar a impressão de que situações consideradas “significantes” estão acontecendo mais do que em outras épocas.

Esse aceleração da troca de informações interfere na forma de o historiador analisar seu objeto. Se os acontecimentos são veiculados de maneira mais veloz, nós, historiadores, temos de dar conta de analisá-los e apresentar as “respostas” à sociedade. Desse modo, devemos deixar de lado nossa zona de conforto do passado distante e enveredar no caótico “passado presente”²⁸.

Para fins de ilustração, retomemos o raciocínio a respeito da necessidade de uma “aceleração” no tempo de estudo da história. Em sua crônica, Clarice Lispector não sabia como lidar com o fato de o homem ter chegado ao espaço, sendo esse um momento único na história humana, um acontecimento notável naquele ano. Analisemos um curto período de tempo em nossa atualidade: somente no ano de 2011, em um espaço de três meses, aconteceu o primeiro grande massacre escolar no Brasil (massacre de Realengo), pouco depois uma plebeia se casou com o príncipe da Inglaterra (casamento de Kate e William), mais rápido ainda Osama Bin Laden foi morto no Paquistão em uma operação militar americana (morte de Bin Laden) – e não estamos numerando a *tsunami* do Japão (a qual muitos acreditavam que culminaria em um novo Chernobyl, o que não se confirmou, apesar da gravidade do desastre), o ressurgimento da crise mundial, a guerra contra o tráfico no Rio de Janeiro, a Primavera Árabe, etc.

Não pretendo afirmar que os acontecimentos que ocorriam décadas atrás no espaço de um ano são mais ou menos “históricos” que os que se apresentam na atualidade. Quero mostrar que, atualmente, em um período de sete meses, o mundo passa por tantas mudanças radicais e “históricas” – cujo acompanhamento pode se dar em tempo real – que fazem nós, historiadores, pensarmos: como daremos conta de analisar tudo isso? Essa

²⁸ Quando menciono passado presente, refiro-me ao passado imediato, o “ontem”: um período de tempo novo de estudo na história, até para a História do Tempo Presente.

inquietação é comum principalmente aos historiadores do tempo presente (eu me enquadrado nesse grupo), pois estamos todos os dias sendo alvejados com uma chuva de documentos, de objetos e de sujeitos para nossas pesquisas.

O aumento da velocidade de informação que nos obriga a repensar nossas práticas advém da globalização e da supressão dos espaços físicos por ciberespaços. Zygmunt Bauman nos mostra que a globalização mudou a forma de as pessoas se relacionarem; a internet acelerou a troca de informações de maneira inimaginável, o que produziu mudanças significativas nas relações socioculturais das nações²⁹.

A cada dia que passa ficamos mais individualizados; vivemos em um paradoxo de estarmos presos e jogados ao mundo ao mesmo tempo: estamos presos às nossas casas, pois tememos sair e sofrer algum tipo de dano, mas estamos “circulando” pelo mundo com a ajuda da internet, estabelecendo, assim, um verdadeiro paradoxo. Com um computador conectado, podemos viajar por todo o mundo, conhecer novos lugares e pessoas, tudo em um lugar que não existe fisicamente, o ciberespaço. O ciberespaço pode ser caracterizado como um não lugar, um local em que se vivencia certas experiências, mas no qual as pessoas não possuem raízes e ligações diretas³⁰. Contudo, até isso está mudando com o advento dos jogos *online* e das redes sociais, posto que atualmente as pessoas “vivem” (conhecem pessoas, namoram, fazem contatos, etc.) na internet e muitas acabam criando raízes em determinados ciberespaços.

Esse aumento da velocidade nas trocas de informações, a liquefação das relações sociais e a disseminação dos ciberespaços como um meio de, ao mesmo tempo, se isolar e se relacionar estão fazendo com que os fatos do mundo passem a ser vistos como banais e simplórios. Essa é uma perigosa desumanização dos acontecimentos, cuja elucidação pode ser vislumbrada na necessidade de haver eventos verdadeiramente grandes e trágicos para atrair a audiência por um tempo relativamente longo (um mês, por exemplo). Uma das grandes características de nossa sociedade é essa falta de atenção a grandes acontecimentos, não por não importarem, mas por serem tantos e em tão pouco tempo que não detemos nossa atenção neles, exceto quando se trata de expressivos massacres ou desastres, que nos atraem, mesmo assim por um curto período de tempo.

²⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

³⁰ AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994. (Coleção Travessia do Século)

Ao levar isso tudo em consideração, percebemos que até mesmo o tempo se reduziu – não o tempo cronológico propriamente dito, mas o tempo que levamos para compreender um evento como passado. Há alguns anos, um grande acontecimento poderia ser discutido por meses a fio sem esgotar suas possibilidades (os atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos foram um exemplo disso); porém, em nossa atualidade, não é tão fácil vivenciar uma situação desse tipo. O massacre de Realengo foi explorado por um período de aproximadamente duas semanas, até acontecer o casamento do príncipe William e Kate, que também foi ofuscado em pouco tempo pela morte de Osama Bin Laden, a qual se deixou de lado com a acentuação da crise econômica mundial.

A História do Tempo Presente apresenta a necessidade de se renovar e ampliar seu campo de atuação, adequando-se a essa demanda social de uma produção histórica mais atual e rápida. Apesar desse tipo de produção³¹ imediata ser tratada com certa resistência pelos historiadores, ela se apresenta como urgente em nossa sociedade hipermoderna.

Grande parte da dificuldade encontrada pela História do Tempo Presente é o fato de que esta não oferece aos seus estudiosos a vantagem de conhecer o futuro (consequências, resultados dos processos) do período que pesquisam, ao contrário do que ocorre com os historiadores que estudam tempos mais afastados. Dessa forma, podemos dizer que estes historiadores narram sobre algo que já aconteceu e teve um desfecho, um arco completo e acabado, enquanto o do tempo presente nem sempre tem essa possibilidade, menos ainda o historiador do tempo imediato. Esse segundo grupo de historiadores escreve sobre algo que ainda não está fechado e, portanto, seus trabalhos possuem pouca credibilidade, sendo, por essa razão, contestados muito rapidamente, devido às mudanças ocorridas nos objetos de estudo ou nas implicações que o objeto causou na sociedade.

Tive a oportunidade de lidar com essas várias mudanças nos vieses da História, que vão surgindo com o passar dos anos, e também de experimentá-las. Neste trabalho foi possível verificar algumas alterações de rumo da História do Tempo Presente. Quando a pesquisa começou a ser planejada e produzida, Osama Bin Laden estava vivo, e um dos principais efeitos esperados com a crise mundial ainda seria o fim da hegemonia

³¹ No livro de artigos *Questões para a história do tempo presente*, diz-se que a História do Tempo Presente pode ser dividida em três categorias: tempo presente, história próxima e história imediata. A História do Imediato ainda é vista com desconfiança pelos próprios historiadores do tempo presente, sendo inclusive caracterizada, por vezes, como o trabalho do jornalista.

estadunidense no mundo e a ascensão da China junto a outras potências emergentes como possíveis nações hegemônicas mundiais. Todavia, no decorrer de dois anos e meio, Osama Bin Laden foi morto em uma operação no Paquistão e a possibilidade de os Estados Unidos perderem sua hegemonia se revelou apenas uma projeção de pessoas otimistas demais.

Fontes de pesquisa na hipermodernidade

Juntamente com o aceleração das trocas de informações, dar-se-á uma consequente mudança na forma de trabalhar a história e analisar os fatos, implicando, dessa forma, em uma alteração das fontes de pesquisa do profissional da área, tanto no que concerne ao tipo de fonte quanto no que diz respeito ao método utilizado.

As fontes constituem um dos grandes problemas no trabalho dos historiadores do tempo presente. Os estudiosos de um tempo mais recuado sofrem com um problema que é exatamente o oposto do que os historiadores do presente enfrentam: quanto mais antigo o tempo a ser estudado, maior a dificuldade de se encontrar documentos para se analisar e contestar. Sendo assim, é muito importante para esse grupo quando um novo documento é trazido à luz dos pesquisadores. Já os historiadores do tempo presente sofrem com um empecilho de ordem diretamente inversa, decorrente do excesso de fontes: devido a sua proximidade com o tempo de sua pesquisa, esses estudiosos dispõem de uma grande variedade de fontes acessíveis para análise, e isso aumenta de intensidade à medida que o tempo estudado se torna mais atual e as fontes se modificam e se ampliam.

Para exemplificar essa dificuldade enfrentada pelos pesquisadores, podemos citar a seleção dos documentos para este trabalho. Um trabalho em História que se propuser a realizar uma análise das Guerras Contra o Terror no Iraque, tendo como foco central os despachos governamentais (tanto políticos quanto militares) da administração de George Bush, encontrará uma série de problemas quanto à questão das fontes. Um historiador que se arrisque a enveredar por esse tema terá disponível para sua apreciação uma miríade de documentos tão gigantesca³² (para não dizer absurda) que, em vez de ajudar no trabalho,

³² O site *Wikileaks* disponibilizou na internet mais de 1 milhão de documentos secretos do governo americano, sendo mais de 600 mil somente sobre a Guerra no Iraque. Vale lembrar que o *Wikileaks* divulgou somente documentos secretos; todos os outros com livre acesso estão disponíveis no site do governo americano.

irá atrasá-lo, tendo em vista que caberá ao pesquisador primeiramente selecionar os materiais mais relevantes para a análise e, em seguida, proceder com o estudo em questão.

Quero evidenciar aqui a dificuldade encontrada por um historiador do tempo presente no que concerne à seleção de fontes para sua pesquisa. Devido às transformações sofridas em nosso mundo em decorrência da globalização, o número de informações e de conhecimento produzido é, muitas vezes, um entrave. A hipermodernidade nos possibilitou o acesso a uma variedade nova de documentos que, por sua vez, nos ofereceu uma nova forma de estudar a História do Tempo Presente. Por outro lado, ela também trouxe complicações para os nossos estudos, mediante o excesso de fontes e a necessidade constante de revisão dos trabalhos produzidos, em razão das novas informações que surgem a todo momento.

Portanto, não foi à toa que esta pesquisa passou por todas as revisões necessárias a um trabalho acadêmico: especialmente o número de vezes em que as fontes tiveram de ser revisadas, alteradas, excluídas e modificadas superam todas as outras revisões, por isso foi necessário pouco mais de um ano para se selecionar o *corpus* final deste trabalho.

Além do excesso de documentos que o presente nos oferece, a cada dia temos novas formas de pesquisar, ou seja, hoje podemos estudar um mesmo objeto de várias maneiras diferentes. Mais uma vez, a Guerra no Iraque, por exemplo, poderia ser analisada mediante documentação, reportagens, filmes, quadrinhos, etc. Sendo assim, o outro grande problema de um historiador do tempo presente é a metodologia de trabalho que ele deverá escolher para a realização da tal análise.

Após a excruciante tarefa de fazer a seleção do corpo documental do trabalho³³, o historiador do tempo presente se depara com um novo desafio, também difícil: necessitamos de uma metodologia de trabalho e, em razão da miríade de fontes disponíveis, há também uma variedade de metodologias dentre as quais podemos selecionar a mais adequada para proceder à análise dessas fontes. Portanto, compreendo que a escolha das fontes e da metodologia do trabalho são as duas grandes dificuldades dos historiadores que lidam com esse tempo histórico.

Percebo que a História do Tempo Presente apresenta um campo novo de estudo, bastante promissor, mas com dificuldades totalmente inéditas nos seus meios de pesquisa. Sendo assim, devemos realizar um trabalho cuidadoso na seleção de fontes e da

³³ A escolha do corpo das fontes utilizadas em um trabalho é uma tarefa triste e de abnegação. Ocorre que devemos escolher as fontes que usaremos e excluir aquelas tantas outras que desejamos usar, mas que não possuem espaço naquele determinado momento ou que são extensas demais para o tempo demandado.

metodologia de trabalho, pois há risco de as produções serem caracterizadas como trabalhos não históricos.

A questão que desejamos levantar aqui é o fato de que a História do Tempo Presente se faz necessária. A cada dia nossa sociedade passa por mudanças extremamente radicais e agora, no momento em que elaboramos o trabalho, vivemos sob uma ameaça de guerra na Síria e sob o medo de uma nova guerra mundial. Somando-se a esse caso da Síria, temos o dos programas de espionagem estadunidenses, que, a cada dia, estão sendo descobertos e denunciados.

O mundo está em um momento de crise e temor, os países estão se voltando contra os Estados Unidos e a todo momento surgem possibilidades de grupos radicais tomarem o poder em suas mãos e de termos mais uma apresentação arrasadora do espetáculo da guerra. O presente existe para analisarmos e tentarmos boicotar a nova apresentação que está por vir.

Capítulo 2: Insurgentes ou terroristas: compreensões sobre um inimigo mundial

Nesse mundo em que vivemos, cujas relações mudam na velocidade de um clique e “novas ameaças”³⁴ estão surgindo e pedindo uma nova era de destruição, um agente do

³⁴ Quando trato de ameaças, refiro-me a grupos conservadores de extrema direita como: o Amanhecer Dourado da Grécia; os grupos neonazistas na Espanha, na França e na Alemanha; a ascensão dos radicais religiosos no Brasil. Em outras palavras, grupos radicais em um sentido geral e que estão cada vez mais presentes no mundo todo.

chamado “mal”³⁵ bastante presente no imaginário da população é o terrorista. No entanto, o que seria esse ser? O terrorista é projetado como a união de todos os malefícios possíveis para a humanidade ocidental e, como tal, ele deve ser extirpado.

Uma das grandes discussões acerca do tema “combate ao terrorismo” é a condição que se impõe ao terrorista de ser rotulado como tal. Em posições ideológicas diferentes, os indivíduos que combatem e os que fazem o “terrorismo” travam uma luta não só física, mas também ideológica. O ato de inserir em um determinado grupo social revoltoso a alcunha de praticante de terrorismo carrega um grande número de implicações desvantajosas para esse grupo, bem como para sua luta.

Para seguir, é relevante esse debate sobre o conceito (parodiando Hamlet) ser ou não ser terrorista? Escolhi essa abordagem de análise a respeito de algumas definições que são atribuídas ao conceito terrorismo para podermos questioná-las. A partir de um olhar um pouco mais atento, torna-se evidente que optei por utilizar as definições mais conservadoras do que seria o terrorismo. Selecionei esse curso de ação para trabalhar o conceito na tentativa de desconstruí-lo e mostrar que, para se determinar que certo grupo é terrorista, basta apenas uma interpretação das definições apresentadas. Abordaremos, primeiramente, a definição oferecida pela Organização das Nações Unidas (ONU), que, na condição de representante oficial do “mundo unido”, teoricamente possuiria a palavra final sobre o que seria ou não terrorismo. Vale salientar que das várias definições elencadas neste trabalho essa é a mais sóbria.

Em 30 de março de 2005 o Secretário-geral da ONU, Kofi Annam, apresentou um relatório (para votação no conselho), que continha as definições para a organização do que seria o terrorismo e quais atitudes deveriam ser tomadas perante esse tipo de ato. Em uma definição simples e direta, o texto afirma que o terrorismo é “qualquer ato com intenção de ferir ou matar civis para pressionar governos, organizações ou populações”³⁶. Essa conceituação do termo possui um caráter inovador na ONU, tanto que a revista *Veja* comemorava de forma enfática a atitude de Kofi Annam e criticava a demora da organização em tomar essa iniciativa.

³⁵ É denominado como tal pelos grupos hegemônicos a que os terroristas, integrantes do mal, fazem oposição, a qual “não é necessariamente do tipo armada”.

³⁶ Essa primeira definição pode ser vista em uma notícia publicada na revista *Veja*: COSTAS, Ruth. Com trinta anos de atraso finalmente a ONU decide encarar o terrorismo pelo que ele é: um crime contra a humanidade. *Revista Veja*, 30 de março de 2005. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/300305/p_094.html>. Acesso em: 03 de jun. de 2013.

A proposta abre um novo capítulo no entendimento da sombria ameaça representada pelo terrorismo ao mundo civilizado. Por ter sido tratado por muito tempo como um subproduto da Guerra Fria, o terrorismo nunca foi enfrentado pela comunidade internacional com a força que sua perversidade exige. Nas últimas décadas, prevaleceu nas Nações Unidas a ideia – defendida com afinco pelos países árabes, mas não apenas por eles – de que muitos grupos tachados de terroristas eram na verdade combatentes legitimados por lutar pela libertação de seu povo do colonialismo. A ONU abriu o precedente para que movimentos políticos ao redor do mundo adotassem o terrorismo como tática quando aplaudiu o célebre discurso de Yasser Arafat, em 1974.³⁷

Observamos claramente que, para a autora do artigo, a “inoperabilidade” da ONU em criminalizar o que ela define como “terrorismo” foi um catalisador para a realização de tais eventos. Podemos perceber bem que a jornalista carrega consigo a noção de que o terrorismo não é produto de um estado civilizado e que os ditos “terroristas” não podem ser considerados insurgentes. Esse posicionamento da jornalista da revista *Veja* é mais que esperado, dado que o periódico é reconhecidamente conservador e assume para si o ponto de vista do discurso estadunidense (bastante presente nas falas do presidente Bush), de caráter reducionista e simplista, de que o terrorista é um ser vil e maligno que precisa ser exterminado. Fica perceptível que a jornalista está relativamente descontente com a definição proposta, mas ao mesmo tempo está feliz pelo fato de a ONU ter dado um passo para o combate a essa ameaça.

Todavia, no Tribunal Especial para o Líbano³⁸ (organização da ONU que tinha a missão de elaborar a definição do termo), a aceção anterior do termo foi alterada pela seguinte, retirada de uma notícia da Radio Nederland Wereldomroep Brasil:

Em uma decisão histórica, o júri concordou de maneira unânime em usar a definição libanesa de terrorismo como um “ato destinado a divulgar o terror” – mas também concordou em aplicar uma ampla interpretação internacional dos “meios” utilizados no ataque, ou seja, se as armas que se utilizaram tinham a intenção de colocar em risco a vida de civis.³⁹

³⁷ COSTAS, Ruth. Com trinta anos de atraso finalmente a ONU decide encarar o terrorismo pelo que ele é: um crime contra a humanidade. *Revista Veja*, 30 de março de 2005. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/300305/p_094.html>. Acesso em: 03 de jun. de 2013.

³⁸ Esse tribunal foi estabelecido para julgar os acusados do assassinato do ex-primeiro-ministro libanês, Rafiq Hariri, e outras 22 pessoas em 2005, sendo o primeiro tribunal internacional do mundo a possuir jurisdição sobre crimes de terrorismo. Trata-se de uma organização independente de justiça, que tem como missão levar a cabo os julgamentos dos envolvidos no ataque, tendo em vista as leis do Líbano e as da ONU. Para informações detalhadas sobre o tribunal, basta acessar o site no link: <<http://www.stl-tsl.org/en/about-the-stl>>. Acesso em: 17 set. 2013.

³⁹ COUGHLAN, Geraldine. *Tribunal Hariri*: uma primeira definição de terrorismo. Radio Nederland Wereldomroep, Brasil, 18 de fevereiro de 2011. Disponível em: <<http://archief.rnw.nl/portugues/article/tribunal-hariri-uma-primeira-definicao-de-terrorismo>>. Acesso em: 03 jun. 2013.

Sendo assim, a ONU desenvolveu uma primeira definição para o terrorismo, enquadrando-o como violência direta contra civis, tendo em vista uma forma de coerção frente a algum governo. Logo depois, essa acepção foi substituída por uma segunda ainda mais abrangente e genérica (qualquer ato destinado à divulgação do terror), deixando em seu texto uma ressalva a respeito dos meios utilizados para operar o terror antes de defini-lo como tal.

A primeira definição apresentada pela ONU era mais fechada e, portanto, mais difícil de distorcer, posto que terrorista seria aquele que ataca civis, mas a segunda definição abrange o escopo conceitual e ainda abre margem para a interpretação acerca do ato cometido. Nesta, após o possível atentado, seria realizada uma análise de seu modo de execução e de sua intencionalidade, para, somente então, caracterizá-lo como terrorismo. Isso se torna problemático, afinal, quem ficaria responsável por realizar essa análise e definição? É diferente do primeiro caso, em que a concepção era mais simples (ou pelo menos aparentava ser), cuja interpretação girava em torno da pergunta: “Morreram civis?”. Se a resposta fosse “Não”, já não seria um ato de terrorismo.

Infelizmente essas designações apresentadas pela ONU não são fixas, pois a instituição ainda não preparou uma conceituação concreta para o termo e todas as apresentadas geralmente são circunstanciais e se restringem a alguns casos específicos, diferentemente dos Estados Unidos, que possuem um conceito bem definido para delimitar o que é ou não é terrorismo.

A determinação conceitual apresentada pelo Departamento de Estados dos EUA acerca do terrorismo, considerada por muitos a mais conservadora, diz: o terrorismo é caracterizado por “uso premeditado de violência ilegal, ou de ameaça da violência ilegal visando a causar medo, com o intuito de coagir ou intimidar governos ou sociedades na consecução de objetivos políticos, religiosos ou ideológicos”⁴⁰. Ironicamente a definição apresentada pelo governo estadunidense enquadra várias ações militares externas realizadas pelos EUA na definição de terrorismo⁴¹.

Para fins de ilustração, podemos citar como exemplo desse fato a invasão do Iraque pelos EUA; na realidade todo o processo de construção das Guerras Contra o Terror

⁴⁰ PINHEIRO, Álvaro de Souza. *A prevenção e o combate ao terrorismo no século XXI*. Disponível em: <<http://www.eceme.ensino.eb.br/meiramattos/index.php/RMM/article/viewFile/21/99>>. Acesso em: 03 jun. 2013.

⁴¹ Para se obter uma lista dos autores que apresentam os motivos para os Estados Unidos serem enquadrados na sua própria definição de terrorismo, basta fazer uma rápida leitura dos livros de Noam Chomsky, Edward Said, Eliot Weinberg, Michael Moore e tantos outros que são mencionados neste trabalho.

contra o Iraque pode ser qualificado como ato terrorista. Não afirmo isso com um pensamento antiamericano, mas sim a partir de uma lógica dedutiva mediante a definição apresentada por eles mesmos sobre o que seria o terrorismo, dado que, de acordo com o Departamento de Estado, o terrorismo seria “uso premeditado de violência ilegal, ou de ameaça de violência ilegal como forma de coagir ou intimidar governos”. A partir do momento em que o George W. Bush passa a ameaçar o Estado Iraquiano de invasão maciça e não sancionada pela ONU, ele não estaria praticando um ato de terrorismo? E se considerarmos, ainda, que essas ameaças têm por objetivo a tentativa de realizar uma consecução “de objetivos políticos, religiosos ou ideológicos”, como está descrito no texto? Será que levar a democracia para um país da forma pela qual os Estados Unidos costumam fazê-lo não é um ato de terrorismo?

Segundo a definição de terrorismo do governo americano e da ONU, a invasão do Iraque promovida pelos EUA seria um ato de terrorismo. Vejamos bem: se o terrorismo é um ato que promove o terror, o que podemos entender quando George W. Bush afirma em um programa de TV que realizaria uma cruzada contra o Terror? E mais, a ameaça de bombardear o Iraque não seria um modo de espalhar o terror? O pedido para os iraquianos não apoiarem seus líderes também não seria?

Podemos acrescentar ainda a definição atribuída pela Associação Brasileira de Inteligência (ABIN) ao termo terrorismo. A ABIN se utiliza da acepção adotada pela Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional (Credem), segundo a qual o terrorismo é:

ato de devastar, saquear, explodir bombas, sequestrar, incendiar, depredar ou praticar atentado pessoal ou sabotagem, causando perigo efetivo ou dano a pessoas ou bens, por indivíduos ou grupos, com emprego da força ou violência, física ou psicológica, por motivo de facciosismo político, religioso, étnico/racial ou ideológico, para infundir terror com o propósito de intimidar ou coagir um governo, a população civil ou um segmento da sociedade, a fim de alcançar objetivos políticos ou sociais.

Também é o ato de:

Apoderar-se ou exercer o controle, total ou parcialmente, definitiva ou temporariamente, de meios de comunicação ao público ou de transporte, portos, aeroportos, estações ferroviárias ou rodoviárias, instalações públicas ou estabelecimentos destinados ao abastecimento de água, luz, combustíveis ou alimentos, ou à satisfação de necessidades gerais e impreteríveis da população. Trata-se de ação premeditada, sistemática e imprevisível, de caráter transnacional ou não, que pode ser apoiada por Estados, realizada por grupo

político organizado com emprego de violência, não importando a orientação religiosa, a causa ideológica ou a motivação política, geralmente visando a destruir a segurança social, intimidar a população ou influir em decisões governamentais.⁴²

O Brasil optou por não construir uma definição genérica sobre o que seria o terrorismo, principalmente pelo fato de que essa existia na constituição durante o período da ditadura militar. No entanto, como a designação nesse momento histórico brasileiro se referia aos grupos que protestavam contra o regime militar, ela foi excluída da constituição com o final do período ditatorial. Atualmente, alguns estudiosos da legislação e da defesa em nosso país criticam a falta de uma lei assertiva sobre o terrorismo, como podemos verificar em:

Se o país não dispuser de instrumentos jurídicos que, ao tempo em que aprovisionem devidamente o Estado, não atentem também contra as garantias individuais. Nesse contexto, é inservível a Lei 7170/83 (Lei de Segurança Nacional - LSN), de vez que, precedendo em oito anos a Constituição Federal, lavrada em 1988, com a mesma deixa de guardar, naturalmente, relação de consonância, evitando os magistrados de considerá-la, de vez que pertencente ao denominado período autoritário, carregando assim incapacitante estigma. Portanto, devido à - na prática- desconsideração da Lei 7170/83, ficam o Estado e a sociedade desprovidos de efetivo instrumento de proteção legal contra o terrorismo (assim como a espionagem, etc.).⁴³

Essa falta de uma lei precisando o que seria o terrorismo deixa o Brasil desprotegido em caso de crimes desse tipo. É claro que poderia ser levado em consideração que o terrorismo se enquadre em várias outras leis, dependendo de como o ataque seja realizado (crimes de internet, atentados, destruições de prédios públicos). A determinação dessa lei antiterrorismo também poderia levar o governo a atuar contra a própria população (como já aconteceu nos Estados Unidos com o Ato Patriota), oferecendo dispositivos jurídicos facilitadores para a criação de um estado com a liberdade controlada.

Podemos perceber que a definição apresentada pelo Brasil para o terrorismo visa a enquadrar vários atos criminosos que podem estar inclusos nos atos terroristas. Nessa concepção, da mesma forma que nas outras versões apresentadas anteriormente, os Estados Unidos podem ser considerados praticantes e financiadores do terrorismo. Além

⁴² PANIAGO, Paulo de Tarso Resende. Uma cartilha para melhor entender o terrorismo internacional: conceitos e definições. *Revista Brasileira de Inteligência*. Brasília: Abin, v. 3, n. 4, set. 2007. 15.

⁴³ CUNHA, Paulo Cesar Teixeira. *A atuação das forças armadas no combate ao terrorismo*. Monografia (Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia), Departamento de Estudos da Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro, 2011.

disso, caso desejemos continuar o exercício de comparação entre as ações militares externas estadunidenses e as definições expostas, novamente teremos um conceito cuja descrição apontará os Estados Unidos como terroristas.

Ao fazer esse exercício, na tentativa de apresentar um bom número de definições diferentes a respeito do significado do termo terrorismo e relacioná-las com as práticas estadunidenses de política externa, desejo mostrar que os Estados Unidos de uma forma ou de outra cometem terrorismo, o chamado terrorismo de estado. Concordo com os vários autores que afirmam que os EUA praticam esse tipo de ato, mas quis deixar esse fato claro por meio de alguns significados atribuídos ao termo, em vez de recorrer às citações desses autores, já que muitos deles são considerados ultracríticos da política externa estadunidense.

Todavia, quero destacar que minha intenção não é apresentar os Estados Unidos como um estado terrorista pura e simplesmente. Compartilho a visão apresentada por Noam Chomsky em seu livro *Poder e terrorismo*, em que ele defende a ideia de que os Estados Unidos agem do mesmo modo que as demais nações do mundo; porém, por ser um país mais poderoso, tem a capacidade de fazer valer sua vontade em maior escala do que os outros. Logo, percebemos que, na prática, se considera terrorismo não o que a lei afirma como tal, mas sim as ações que um grupo dominado pratica contra o dominador. Essa é uma acepção mais realista do termo terrorismo, conforme é empregado no mundo: os grupos que se opõem ao poder hegemônico pré-estabelecido são denominados terroristas e ponto.

Por outro lado, vale salientar que não compreendemos o terrorismo insurgente⁴⁴ como um ato justificável e defendemos o fato de que terrorismo é terrorismo, não importando quem o pratique, insurgentes ou estados. Faz-se necessário escrever esse esclarecimento, porque a definição de quem é ou não é terrorista varia muito de indivíduo para indivíduo. Portanto, como compreendo que aos termos “terrorista” e “terrorismo” se atribui uma multiplicidade expressiva de significações e que também existem as implicações do referencial teórico adotado, assumo que tanto as nações podem ser responsáveis por atos de terrorismo (nesse caso, o de estado) quanto os grupos ditos insurgentes.

Sendo assim, denominarei os insurgentes islâmicos de grupos terroristas; contudo, deixo claro que levo em consideração todo o caráter de seu embate contra um poder

⁴⁴ Denominamos terrorismo insurgente os atos cometidos por grupos que lutam contra um poder opressor maior: iraquianos contra os estadunidenses, por exemplo.

hegemônico extremamente assimétrico, que fez o terrorismo se tornar, por vezes, uma das poucas formas de luta possíveis.

Para além do terror

Após a análise de várias concepções diferentes do termo terrorismo, fica claro que ser rotulado de terrorista não garante que alguém realmente o seja. O terrorismo é uma definição genérica que pode ser atribuída a qualquer grupo que trave uma luta direta contra uma nação hegemônica.

Ao realizarmos esse jogo com as definições de terrorismo – evidenciando que os Estados Unidos podem ser considerados terroristas em razão de suas práticas – pretendemos remeter à teoria do pós-colonialismo, adotada por Spivak, segundo a qual devemos adotar as conceituações do colonizador, adaptá-la à nossa realidade e, somente depois, utilizá-la de modo que possamos colonizar o colonizador⁴⁵.

A partir dessa mudança de perspectiva, cumpre frisar que o terrorismo e os terroristas são representações construídas por um poder hegemônico qualquer, que deseja se manter no controle. E o que seria o terrorista? Atribuímos ao termo terrorista a seguinte significação: tipo de guerreiro surgido como meio de resposta a um conflito assimétrico, e este seria a guerra entre dois grupos que possuem uma escala de poder militar exorbitantemente diferentes entre si. Atualmente, para se evitar a perda de soldados de forma excessiva e o prolongamento de um conflito armado, as guerras são empreendidas e levadas adiante contra inimigos que não possuem uma forma efetiva de resistência. Ao ser invadido, o grupo defensor tenta resistir; entretanto, tendo em vista que o poder do atacante é maior, os oprimidos partem para outros meios de conflito mais efetivos, e o terrorismo é um deles⁴⁶.

Com base no que discutimos, percebemos que, muitas vezes, o terrorismo é uma das últimas opções de tática de combate que causam algum dano/efeito no inimigo e, portanto, acaba sendo adotado por um grupo que se encontra em posição de desvantagem, sendo por isso dominado; grupo esse que, por não possuir solução e os meios para enfrentar o inimigo, emprega as táticas terroristas como forma de se sobressair no conflito. Em outras palavras, as condições desfavoráveis promovem o surgimento de

⁴⁵ SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

⁴⁶ SILVA, Carlos Alberto Pinto. Guerra assimétrica: adaptação para o êxito militar. *Revista das Ciências Militares* (Coleção Meira Mattos), n. 15, 2007.

atentados e ataques de guerrilheiros aos grupos dominadores. Esses conflitos assimétricos passam a se amalgamar com embates religiosos e posições ideológicas que não se ajustam às visões do opressor, resultando no chamado terrorismo religioso.

Medo do terror, ajuda ao sistema opressor

A partir do momento em que compreendemos quem realmente é o terrorista, podemos esboçar algumas relações entre esse entendimento e as práticas estatais de definir algum grupo como tal.

Geralmente estados autoritários ou países em períodos de ditaduras e de exceção enquadram na categoria de terroristas os grupos opositores ao regime, e isso ocorre devido a algumas intencionalidades básicas. Primeiramente, a lei aplicada a terroristas em geral é diferente das leis aplicadas a presos políticos, de guerra e comuns, isto é, há uma legislação especial para o terrorista, conseqüentemente, não ele pode ser enquadrado pela convenção de Genebra de 1949⁴⁷. Como não é um prisioneiro de guerra, tampouco um prisioneiro comum, ele pode não ser tratado por qualquer lei reconhecida, ou seja, na prática ele não existe, como é o caso dos prisioneiros da prisão de Guantánamo em Cuba.

Nessa perspectiva, um governo considera qualquer opositor político um terrorista, pois dessa maneira terá como tratá-lo por meio de leis estabelecidas de forma autoritária (pelo seu próprio governo), e as convenções internacionais não poderão interferir nisso, o que torna o aparato legal do estado de direito um modo de instituir o terror⁴⁸. Isso nos leva ao segundo ponto de nosso questionamento sobre a adjetivação terrorista. Dando a saber ao insurgente que as leis internacionais não se aplicam a ele, o poder hegemônico cria uma sensação de medo por parte do opositor, tendo em vista que, se a luta do insurgente continuar e ele for pego, poderá ser preso e, no ato de prisão, ter todos os seus direitos anulados, pois não se tratará de um preso comum, nem mesmo de guerra, mas um terrorista, ou seja, “um perigo à nação”.

O terceiro ponto vantajoso para um governo definir que um grupo opositor é terrorista está no impacto psicológico desse ato frente à população, pois o termo terrorista,

⁴⁷ BUTLER, Judith. O limbo de Guantánamo. *Novos estud.* - CEBRAP, São Paulo, n. 77, mar. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 set. 2013.

⁴⁸ DOTTI, René Ariel. Terrorismo e devido processo legal. *Revista CEJ*, América do Norte, 613 09 2002. Disponível em: <<http://www2.cjf.jus.br/ojs2/index.php/revcej/article/view/482/663>>. Acesso em: 22 set. 2013.

no imaginário social, representa uma grande ameaça para a nação. Os praticantes desse tipo de luta são definidos como cruéis, maus e de alta periculosidade; resumidamente, o terrorista é uma ameaça de grandes proporções que se deve evitar e manter a distância o máximo possível. E já que a maioria da população não conhece a perspectiva que estamos apresentando aqui (terrorista insurgente oprimido) —, as pessoas tendem a acreditar nas informações a que têm acesso e assumir, na maior parte das vezes, as noções ideológicas divulgadas pelo governo e pela mídia, bem como a contribuir para a criminalização desses grupos ditos terroristas e a denunciá-los para as autoridades.

Podemos perceber essa ideia observando a história brasileira: durante a ditadura militar, os grupos que lutavam contra o governo eram denominados terroristas (inclusive a nossa atual presidente, Dilma Rousseff). Também temos os casos dos combatentes no exército iraquiano e afegão: o governo estadunidense os considerava terroristas, e não soldados. Em alguns meios da internet podemos ver essa classificação referindo-se aos integrantes dos *Black Blocks*,⁴⁹ grupos que se fazem presentes nas manifestações populares. Por fim, mais recentemente, os Estados Unidos decretaram que o grupo ciberativista Anonymous⁵⁰ pratica ciberterrorismo.

Não é de se estranhar que, quando esses grupos são tachados como terroristas ou apoiadores de terrorismo, a população se volte contra eles. Posto isso, é justificável que, em se tratando da população de modo geral, possa se utilizar o termo “massa de manobra”: um grande grupo que serve para ser manipulado por seus líderes e aceitar as imposições do sistema, já que é muito mais confortável aceitar a opinião do governo do que construir a própria. Noam Chomsky tocou nesse assunto em praticamente todas as suas obras; segundo ele, a população prefere aceitar e se conformar com a ideologia oferecida pelo governo. No filme *Matrix*, o personagem Morpheus (Laurence Fishbourne)

⁴⁹ Os *Black Blocks* são um grupo de anarquistas, caracterizados por andarem totalmente de preto e que se unem em manifestações para realizar a prática da ação direta. No caso, esses grupos são a linha de choque das manifestações populares, reagindo à repressão policial nos movimentos. Os integrantes do grupo destroem símbolos do capitalismo e revidam ataques das forças militares contra os manifestantes, sempre baseados na premissa de que a ação direta só pode começar em resposta ao ataque do governo. Para mais informações sobre esse grupo, ler: <<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2013/09/07/black-blocks-cativam-e-assustam-manifestantes-mundo-afora.htm>>. Acesso em: 22 set. 2013.

⁵⁰ O Anonymous é um grupo ciberativista formado por *hackers* de várias partes do mundo, totalmente anônimo e que usa como símbolo a máscara criada com inspiração em Guy Fawkes e utilizada pelo personagem do filme/HQ *V de Vingança*. Esse grupo surgiu com a intenção de denunciar, vaziar documentos e derrubar sites de governos que oprimem suas populações, mas também para organizar revoltas e manifestações contra os opressores. Para mais informações sobre os Anonymous, basta acessar a página do grupo no Brasil: <<http://www.anonymousbrasil.com/>>.

fala para o protagonista Neo (Keanu Reeves) que “as pessoas estão tão enraizadas no sistema que farão tudo para protegê-lo, mesmo sabendo que ele é ruim para elas”.

Com isso, queremos demonstrar que, assim como as guerras, os terroristas também são construídos com alguma intencionalidade. O governo estadunidense precisa de inimigos para poder fazer as suas intervenções e, para isso, os edifica. Dessa forma, o terrorista está fortemente amalgamado às guerras contra o terror, já que foi a partir do medo de um ataque terrorista com armas químicas que Bush conquistou seu propósito: atacar o Iraque.

Nesse cenário, empreende-se o jogo de xadrez que é a guerra; cada lado move suas peças de forma a ganhar mais terreno, e o terrorista é uma peça chave no embate engendrado pela administração Bush. Esse jogo agressivo visava à tomada de territórios e à invasão de outras nações na busca por recursos para impulsionar a indústria de armas estadunidense: uma estratégia digna de um senhor da guerra, ou, no caso do jogo de xadrez, a jogada P4BR (peão 4 na casa do bispo do rei).

PARTE II: P4BR

Capítulo 3: FEAR: Formas Evoluídas de Argumentação Restritiva

Existem várias analogias possíveis no que concerne à guerra, como a que fizemos relacionando-a ao teatro. Compreendo, então, que uma das grandes comparações históricas realizadas é a do xadrez. O xadrez, ou “jogo dos reis”, é um jogo em que cada participante tem de mover suas peças por um tabuleiro e tentar conquistar o rei do adversário; para realizar tal empreitada, o enxadrista deve se armar com estratégias e com modos de jogo para vencer as tropas do adversário e conquistar terreno no tabuleiro. Temos aí um verdadeiro jogo de estratégia que facilmente pode ser aplicado ao contexto da guerra.

Se a guerra é um jogo de xadrez, a administração Bush com suas táticas para as GCT pode ser considerada um jogador manejando suas tropas de forma enérgica. De todas as saídas (seis primeiros movimentos) do esporte, a denominada P4BR é uma das mais agressivas; por meio dela, o competidor abre seu jogo para o ataque e dirige a partida

para um confronto direto e mais agressivo, assim como a administração Bush fez com o governo iraquiano. Eis o lema: atacar de forma rápida e direta, para sobrepujar o inimigo.

Esses conflitos armados são uma constante na evolução da humanidade. A guerra sempre esteve presente em nossa história, seja em menor seja maior escala, mas elas não acontecem simplesmente, são edificadas, construídas aos poucos, como engrenagens de uma grande máquina de destruição montada peça por peça até estar pronta para fazer sua estreia no palco da destruição. Conforme Clausewitz bem colocou, a guerra é uma continuação da política a partir de outros meios⁵¹. Sendo assim, o ato de guerrear surge quando um lado desiste da ação política retórica e parte para a ação física militar; pode ser definida como ato construído por um grupo visando a algum interesse contra outro que se opõe a ele ou simplesmente tenta se defender da ação.

Esse sistema se dava durante a antiguidade, durante a Idade Média, durante a Idade Moderna e, portanto, perdurou da mesma maneira até nossa atualidade. A forma de realizar os embates atualmente mudou, pois eles seguem alguns conceitos diferentes das guerras passadas, mas, em suma, as motivações e os modos de os conflitos permanecem, em grande parte, semelhantes.

Para construir a Guerra no Iraque de 2003, o governo estadunidense necessitava de motivos que levassem a população norte-americana a apoiar esse conflito. No entanto, precisava-se engendrar bem a guerra para que ela fosse viabilizada; fez-se, então, necessário dar início às Guerras Contra o Terror, após os ataques de 11 de setembro e a subsequente invasão ao Afeganistão, para se criar as motivações necessárias a uma ocupação do Iraque. Esse discurso da Guerra no Iraque foi elaborado, de forma proativa⁵², após o atentado de 11 de setembro.

Essas justificativas para invadir o território iraquiano são apresentadas de várias formas diferentes, sendo a principal delas o discurso acerca da ameaça que as Armas de Destruição em Massa de Saddam Hussein representavam para o mundo⁵³. Outro motivo, que foi uma grande mola propulsora de toda a GCT, foi o discurso do medo e do terror, que a administração do presidente Bush empregou perfeitamente para criar um clima de temor e de apreensão, para que suas ações fossem justificadas e apoiadas pela população

⁵¹ CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da guerra: a arte da estratégia*. Tradução de Pilar Satierra. 2005.

⁵² Digo de forma proativa, pois, como já foi mostrado, desde sua posse Bush já tocava no assunto da ameaça que o Iraque representava. Contudo, somente após a invasão do Afeganistão é que o governo passaria a apostar suas fichas na invasão do Iraque.

⁵³ O tema das Armas de Destruição em Massa será abordado com maiores detalhes no próximo capítulo do trabalho.

dos EUA. Enfim, discutimos neste capítulo de que forma o medo e o terror surgem nos pronunciamentos oficiais do presidente Bush e contribuem para impulsionar o motor da guerra.

Pensando nessas construções discursivas, cunhamos o título do capítulo. As formas evoluídas de argumentação restritiva configurariam o modo como o discurso do presidente George W. Bush recorria ao medo e ao terror para conseguir viabilizar suas ações, mesmo que essas ações, tanto internas quanto externas, levassem à criação de leis que reduziriam as liberdades ou iriam de encontro a algum sentido de “racionalidade” (caso possamos usar esses termos). Essas formas de argumentação refletem, por exemplo, na criação e na aprovação do Ato Patriota⁵⁴ por unanimidade no Congresso, ou na aceitação de que se considerassem o Irã e o Iraque aliados em uma possível conspiração para destruir o mundo.

Michael Moore afirma em seu documentário (tão discutido neste trabalho) que ficar mudando os níveis de alerta entre amarelo e laranja, assim como se referir sempre ao perigo e ao medo, auxiliou a formação de uma opinião pública pró-Bush. Nessa circunstância, o medo foi usado como uma arma discursiva para viabilizar ações; por isso, a sigla do título do capítulo equivale à palavra medo em inglês: “fear”.

O medo e o terror como catalisadores

Como vem sendo afirmado ou sugerido, por todo o trabalho, entendemos que provavelmente o presidente George W. Bush já assumiu a administração dos Estados Unidos desejoso de provocar uma guerra contra o Iraque. Para que a invasão fosse validada, no entanto, o governante necessitava do apoio de algumas esferas de poder que lhe dariam o aval, o que exigia um trabalho lento e preciso.

Nos Estados Unidos, para se validar uma iniciativa externa, a administração nacional precisa conquistar o apoio da opinião pública do país, e esta é composta por três esferas de poder que, unidas, formam o corpo central que viabiliza a guerra: o Congresso, o corpo diplomático e, por fim, o povo⁵⁵. A administração Bush necessitaria de que esses três grupos o apoiassem em uma ação externa agressiva; o apoio do Congresso seria fácil de conseguir, já que em sua maioria era composto por democratas, mas haveria de se conquistar o apoio dos outros dois grupos.

⁵⁴ Nota nove da Introdução.

⁵⁵ L. JOHNS, Andrew. Introduction: Hail to the Salesman um Chief. In: *Selling War in a Media Age*. University Press of Florida, Gainesville, 2010.

A motivação necessária para dar início às movimentações bélicas contra o Iraque foram os ataques de 11 de setembro de 2001, depois dos quais o governo estadunidense optou pela retaliação imediata dos culpados: era o início das GCT.

A busca por aqueles que estão por trás daqueles que praticaram esses atos malignos está em progresso. Eu direcionarei totalmente os recursos de nossas inteligências e nossos legisladores para encontrar os responsáveis e trazê-los à justiça. Nós não iremos fazer distinção entre os terroristas que cometeram esses atos e aqueles que os abrigam.⁵⁶

No pronunciamento feito no dia dos ataques, Bush já deixou claro que levaria os terroristas à justiça e colocaria em prática, pela primeira vez, o que ficou conhecido como a principal marca da Doutrina Bush: o fato de não haver distinção entre os terroristas e as nações que os abrigam.

Vale salientar que o discurso envolvendo o medo e o terror tem início, evidentemente, nesse instante. Os atentados de 11 de setembro configuraram um dos grandes momentos de crise dos Estados Unidos; sendo assim, era de se esperar que os pronunciamentos oficiais realizados nos dias seguintes tivessem uma grande recorrência dessa temática, conforme aconteceu, geralmente acompanhada da necessidade de superar o medo e de reagir contra aqueles que ameaçavam a nação e o mundo. Entretanto, nesse primeiro discurso, o presidente não fala no tema; na realidade, ele transmite uma perspectiva otimista frente à destruição, apresentando o estadunidense como um povo resoluto e inabalável em suas convicções.

Um grande povo foi movido para defender uma grande nação. Os ataques terroristas podem mexer com as fundações das maiores construções, mas eles não tocam as fundações da América. Esses atos quebraram metal, mas eles não podem marcar o aço da resolução americana. A América foi atacada porque nós somos o mais brilhante farol da liberdade e da oportunidade no mundo. E ninguém irá impedir essa luz de brilhar. Hoje, nossa nação viu o mal – e nós responderemos com o melhor da América. Com a audácia de nossas equipes de resgate, com os cuidados pelos estranhos e vizinhos que doaram sangue e ajudaram da melhor forma que podiam.⁵⁷

⁵⁶ “The search is underway for those who were behind these evil acts. I have directed the full resources of our intelligence and law enforcement communities to find those responsible and to bring them to justice. We will make no distinction between the terrorists who committed these acts and those who harbor them.” (BUSH, George W. *09/11 Address to the Nation*. Washington, 2001. Disponível em: <<http://www.americanrhetoric.com/speeches/gwbush911address-to-the-nation.htm>>. Acesso em: 21 ago. 2013).

⁵⁷ “A great people has been moved to defend a great nation. Terrorist attacks can shake the foundations of our biggest buildings, but they cannot touch the foundation of America. These acts shatter steel, but they cannot dent the steel of American resolve. America was targeted for attack because we're the brightest

Vale salientar a motivação atribuída por Bush aos ataques terroristas: os terroristas atacaram os Estados Unidos por eles serem a nação que representa o farol da humanidade, a terra prometida da oportunidade e da liberdade. Sendo assim, os ataques são transformados em meros atos de inveja ao modo de vida estadunidense, sem levar em consideração todas as motivações que os originaram.

É irônico, de certa forma, observar que, logo após os ataques, o presidente transmita a ideia de nação forte e inabalável em seu pronunciamento oficial, mas mude de postura em seguida, tratando o país como uma nação forte que estava sofrendo uma terrível ameaça de ser destruída e precisava revidar antes que fosse tarde demais. Em contrapartida, dez dias após os atentados, Bush realiza outro pronunciamento oficial. Dessa vez no Congresso, o discurso é empreendido de forma que se assemelhe aos pronunciamentos *State of Union*. Nos dois primeiros parágrafos, o presidente George W. Bush se refere à tradição de se falar sobre os Estados da União no Congresso e do fato de ele permanecer forte. Supomos que essa atitude foi tomada justamente para causar um impacto maior nas afirmações e nas propostas que seriam lançadas após o discurso, já que foi nesse momento que a administração Bush responsabilizou oficialmente a Al Qaeda pelos atentados e deu início às GCT.

O terror, então, começa a aparecer de forma forte e tangível. Para compreendermos como esse tema será evocado nos pronunciamentos desde o dia 11 de setembro de 2001 até o “fim” da guerra no Iraque, propomos um exercício básico: para cada discurso analisado, apresentaremos uma contabilidade das palavras relativas ao tema medo e terror, evidenciando o quanto elas são empregadas à medida que a tentativa de se fazer a guerra contra o Iraque se intensifica.

Para fins de averiguação, selecionamos nove expressões a serem contabilizadas em todos os discursos analisados a partir de agora, quais sejam: medo, terror, perigo, terrorismo, terrorista, destruição, armas, químicas e arma de destruição em massa. Queremos mostrar aqui que, no decorrer do tempo, o número de vezes que essas palavras se repetem aumenta gradativamente e, após a invasão do Iraque, elas começam a

beacon for freedom and opportunity in the world. And no one will keep that light from shining. Today, our nation saw evil – the very worst of human nature – and we responded with the best of America. With the daring of our rescue workers, with the caring for strangers and neighbors who came to give blood and help in any way they could.” (BUSH, George W. *09/11 Address to the Nation*. Washington, 2001. Disponível em: <<http://www.americanrhetoric.com/speeches/gwbush911addressstothetnation.htm>>. Acesso em: 21 ago. 2013).

desaparecer dos pronunciamentos também de forma gradativa. Sobre isso, Weinberger infere que “Para podermos justificar a preparação militar e a intervenção, tivemos de transformar um pequeno grupo de inimigos foragidos em um inimigo poderosíssimo” e continua: “com a invenção de um inimigo, os militares, têm, naturalmente, de exagerar as habilidades deste inimigo, uma situação muito comum durante a Guerra Fria”⁵⁸.

No discurso de 11 de setembro de 2001, das nove palavras selecionadas, são usadas somente três. “Terrorismo” aparece uma vez, assim como “medo”, e “terroristas” aparece três vezes. Como já havia sido dito, esse discurso não tenta evocar o medo ou a destruição iminente de alguma forma brutal, mas se trata de um discurso de coragem e luta.

Já no discurso de 21 de setembro, realizado no Congresso, esse paradigma se altera. Nesse pronunciamento, das nove palavras selecionadas, seis aparecem inúmeras vezes: “medo” surge quatro vezes; “terror”, dez; “perigo”, duas; “terrorismo”, quatro; “terrorista”, dezoito. Vale salientar que compreendemos ser esse o discurso que inaugurou as GCT, logo, nada mais evidente do que o fato de as palavras “terrorismo”, “terroristas” e “terror” aparecerem com mais frequência.

No entanto, para observar todo o quadro da construção do medo, não podemos apenas contabilizar as palavras, precisamos analisar o texto. Por todo o discurso, Bush começa a determinar que os terroristas e o governo do talibã são os novos inimigos do mundo e herdeiros das ideologias totalitaristas, mas também se refere às ações dos “terroristas” como atos de raiva contra o modo de vida dos estadunidenses, muito embora essa luta tenha motivos bem mais enraizados em questões históricas.

Esses terroristas não matam apenas para acabar com vidas, mas para tumultuar e acabar com um estilo de vida. Com cada atrocidade eles esperam que a América se torne temerosa, retraindo-se do mundo e abrindo mão de nossos amigos. Eles se colocam contra nós porque nós estamos em seu caminho. Não nos enganamos com as suas pretensões à piedade. Já vimos o seu tipo antes. Eles são os herdeiros de todas as ideologias assassinas do século 20. Ao sacrificar vidas humanas a serviço de sua visão radical – a de abandonar todos os valores exceto a busca pelo poder-, eles trilham o caminho do fascismo, do nazismo e do totalitarismo.⁵⁹

⁵⁸ WEINBERGER, Eliot. *Crônicas da Era Bush: o que eu ouvi sobre o Iraque*. Editora Record, Rio de Janeiro, 2006. p. 67.

⁵⁹ “These terrorists kill not merely to end lives, but to disrupt and end a way of life. With every atrocity, they hope that America grows fearful, retreating from the world and forsaking our friends. They stand against us, because we stand in their way. We are not deceived by their pretenses to piety. We have seen their kind before. They are the heirs of all the murderous ideologies of the 20th century. By sacrificing human life to serve their radical visions – by abandoning every value except the will to power – they follow in the path of fascism, Nazism, and totalitarianism.” (BUSH, George W. *09/20 Address to Joint Session of Congress Following 09/11 Attacks*. Washington, 2001. Disponível em:

Nesse momento Bush recorreu a uma clássica forma de construir um inimigo: compará-lo aos nazistas e aos fascistas, mesmo que o paralelo traçado não apresente lógica alguma. A essa comparação, acrescenta-se uma provável motivação para os ataques: algo como ressentimento por não ser americano. Vejamos bem, quando o presidente defende a ideia de que os ataques são motivados pelo fato de os terroristas odiarem os Estados Unidos, país que supostamente se lhes apresentava como empecilho às ambições de destruir o mundo, a população estadunidense tem total margem para interpretar que “eles nos atacam porque somos quem somos e vão fazer isso enquanto não acabarmos com eles”.

Entretanto, isso não é apenas a luta da América. E o que está em jogo não é apenas a liberdade da América. Essa luta é mundial. Essa luta é da civilização. Essa é a luta de todos que acreditam em progresso e pluralismo, tolerância e liberdade. [...] Talvez a Carta da Otan reflita melhor a atitude do mundo: o ataque a um é o ataque a todos. O mundo civilizado está se alinhando com a América. Eles entendem que, se esse terror seguir impune, suas próprias cidades, seus próprios cidadãos possam ser os próximos. Terror não respondido pode não só trazer prédios abaixo, também pode ameaçar a estabilidade de governos legítimos. E nós não o permitiremos.⁶⁰

Bush tenta estender o escopo de seus apoiadores à comunidade internacional, argumentando que uma ameaça aos Estados Unidos é uma ameaça para todo o mundo dito civilizado. O presidente deixa claro que o mal do terrorismo deve ser eliminado e que os grandes grupos terroristas serão atacados onde eles estiverem de forma a impedir ameaças futuras. Sendo assim, esse pronunciamento dá início ao que ficou conhecido

<<http://www.americanrhetoric.com/speeches/gwbush911jointsessionspeech.htm>> Acesso em: 21 ago. 2013).

⁶⁰ “This is not, however, just America's fight. And what is at stake is not just America's freedom. This is the world's fight. This is civilization's fight. This is the fight of all who believe in progress and pluralism, tolerance and freedom. We ask every nation to join us. We will ask, and we will need, the help of police forces, intelligence services, and banking systems around the world. The United States is grateful that many nations and many international organizations have already responded – with sympathy and with support. Nations from Latin America, to Asia, to Africa, to Europe, to the Islamic world. Perhaps the NATO Charter reflects best the attitude of the world: An attack on one is an attack on all. The civilized world is rallying to America's side. They understand that if this terror goes unpunished, their own cities, their own citizens may be next. Terror, unanswered, can not only bring down buildings, it can threaten the stability of legitimate governments. And you know what? We're not going to allow it.” (BUSH, George W. *09/20 Address to Joint Session of Congress Following 09/11 Attacks*. Washington, 2001. Disponível em: <<http://www.americanrhetoric.com/speeches/gwbush911jointsessionspeech.htm>>. Acesso em: 21 ago. 2013).

como Doutrina Bush: seria direito dos EUA atacar possíveis inimigos em qualquer território no mundo. Além disso, Bush admitia que qualquer governo desfavorável às suas políticas poderia ser considerado inimigo.

O fortalecimento da guerra ideológica

No ano de 2002, a invasão do Afeganistão já havia sido iniciada e a administração Bush começava a buscar as motivações para a invasão do Iraque, encontrando no medo a melhor arma para a conquista desse objetivo. No discurso *State of Union* do ano de 2002, o Presidente Bush se utiliza de todas as nove expressões selecionadas: “medo” e “terrorismo” aparecem duas vezes; “terror”, treze; “perigo”, nove; “armas”, oito; “terroristas”, dezenove; “destruição”, uma; “químicas”, duas; e “armas de destruição em massa” (excluindo as palavras repetidas sempre), cinco vezes.

A esse pronunciamento o Presidente deu início num tom de catástrofe: “Enquanto nos reunimos essa noite, nossa nação está em guerra; nossa economia está em recessão; e o mundo civilizado encara perigos sem precedentes”. Devemos compreender que o *State of Union* é produzido a fim de apresentar os rumos da nação para aquele ano e mostrar como ela se encontra, situação que resulta, geralmente, em discursos bastante otimistas. Até mesmo Roosevelt, em 1941, com a Segunda Guerra convulsionando a todo vapor, proferiu um discurso que não apresentava semelhante teor de ameaça. Sendo assim, é relativamente fácil perceber em que sentido o discurso irá rumar. Um pouco mais adiante, Bush profere uma afirmação ainda mais desencorajadora:

Nossas descobertas no Afeganistão confirmaram nossos maiores medos e apresentaram uma noção real da tarefa que temos adiante. Nós vimos o ódio profundo de nossos inimigos em vídeos nos quais eles riem pela perda de vidas inocentes. E a profundidade de seus ódios é igualada à destruição que eles planejam. Nós encontramos diagramas das usinas nucleares americanas e redes de distribuição de água, instruções detalhadas para se produzir armas químicas, mapas de vigilância de cidades americanas e descrições completas de pontos de referência na América e por todo o mundo.⁶¹

⁶¹ “Our cause is just, and it continues. Our discoveries in Afghanistan confirmed our worst fears, and showed us the true scope of the task ahead. We have seen the depth of our enemies’ hatred in videos, where they laugh about the loss of innocent life. And the depth of their hatred is equalled by the madness of the destruction they design. We have found diagrams of American nuclear power plants and public water facilities, detailed instructions for making chemical weapons, surveillance maps of American cities, and

Assim, o Presidente informa que o Afeganistão havia sido invadido e tomado, mas que isso só levou a uma descoberta ainda pior; os planos dos terroristas teriam incluído, entre possíveis alvos, usinas nucleares nos Estados Unidos e demarcações de locais para causar o maior dano possível. Bush ainda apresenta a cifra de que possivelmente mais dezenas de milhares de terroristas teriam sido treinados nos campos, somente no Afeganistão. Enfim, esse grupo se transforma em um verdadeiro exército terrorista.

No dia posterior ao pronunciamento, em um artigo publicado na capa do *New York Times*, o jornalista David A. Sanger alerta: “em palavras assombrosas de advertência, Bush disse que a inteligência americana agora acredita que dezenas de milhares de potenciais terroristas foram treinados pela Al Qaeda no Afeganistão desde 1996”⁶². O Presidente revela uma situação de grande perigo para o mundo, a qual só foi evidenciada com a invasão do Afeganistão; e naquele momento os Estados Unidos deveriam lutar para evitar que algo muito pior que o 11 de setembro ocorresse.

É justamente nesse pronunciamento que o Iraque, ou em outras palavras, *O Eixo do Mal*, entra no jogo da guerra; Bush infere que o Irã, a Coreia do Norte e o Iraque são as grandes ameaças mundiais. Em uma clara alusão aos países do Eixo durante a Segunda Guerra Mundial, Bush apresenta o novo inimigo; entretanto, a atenção recai sobre o Iraque. Esse destaque dado à nação dirigida por Saddam Hussein evidencia a intencionalidade do Presidente em demarcar seu próximo alvo, como bem colocou o *New York Times*:

Mas como o Sr. Bush descreveu o mundo como seu campo de batalha, ele não deu nenhuma dica de onde seria o próximo local a focar suas atenções. Por todo o seu discurso sobre a ameaça representada pelo Iraque, ele não fez nenhuma ameaça e não estabeleceu prazos, e ele nunca discutiu as objeções seus aliados mais próximos têm levantado a tomar a guerra lá. Sua discussão sobre a ameaça nuclear e biológica colocada por nações hostis foi claramente destinada a construir o apoio para a ação lá [Iraque],

thorough descriptions of landmarks in America and throughout the world.” (BUSH, George W. 2002 *State of the Union Address*. Washington, 2002. Disponível em: <<http://www.americanrhetoric.com/speeches/stateoftheunion2002.htm>>. Acesso em: 21 ago. 2013).

⁶²“In haunting words of warning, Mr. Bush said American intelligence now believed that tens of thousands of potential terrorists have been trained by Al Qaeda in Afghanistan since 1996 [...]” (SANGER, David A. *The state of the union: the overview; bush, focusing on terrorism, says secure u.s. is top priority*. *Nyt*, 30 jan. 2002, Nova York. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2002/01/30/us/state-union-overview-bush-focusing-terrorism-says-secure-us-top-priority.html?pagewanted=all&src=pm>>. Acesso em: 21 ago. 2013).

embora seus assessores dissessem esta noite que ele não tinha a intenção de sugerir que a força militar era a sua única opção.⁶³

A ênfase aplicada ao Iraque pelo Presidente deixava claro que o seu curso de ação seria contra o governo de Saddam; algo tão evidente que o jornalista salienta a intencionalidade de empreender um discurso sobre ADM na tentativa de construir as bases do apoio a uma futura intervenção.

O *State of Union* do ano de 2003 apresentou um panorama ainda mais amedrontador que os pronunciamentos anteriores. Por ser o discurso em que o Presidente afirma que iria realmente tomar medidas militares contra o Iraque, Bush se utiliza do medo da destruição nuclear para conquistar mais apoio. Vale lembrar que nesse momento de 2003 a guerra já estava praticamente na iminência de se iniciar, e o apoio ao governo estadunidense já estava estruturado, faltava apenas a aprovação internacional. Ao contabilizar os nove termos selecionados, podemos constatar todos no discurso de 2003, exceto a palavra “destruição”. Desse modo, temos a palavra “medo” aparecendo três vezes; “terror”, sete; “perigo”, dez; “armas”, vinte e três; “ADM” e “terrorismo”, quatro; “terrorista”, doze; e “químicas”, três.

Diferentemente do discurso do ano anterior, Bush somente passa a falar das ameaças após ter contemplado todos os pontos econômicos e sociais, abordando o tema da guerra apenas a partir da segunda metade do pronunciamento. Em 2003 já fazia mais de um ano que o Afeganistão havia sido invadido e que haviam ocorrido os atentados terroristas de 11 de setembro; não existiam mais indícios de ataques contra os Estados Unidos desde os atentados com antrax, alguns meses após o 11 de setembro. Em outras palavras, a situação começava a se apaziguar, embora Bush fizesse questão de lembrar que os estadunidenses ainda não estavam seguros.

Há dias em que nossos queridos cidadãos não recebem nenhuma notícia sobre a Guerra contra o Terror. Não existe um único dia em que eu não receba um

⁶³ “But as Mr. Bush described the world as his battlefield, he gave no hint of where he would next turn his attentions. For all his talk about the threat posed by Iraq, he made no threats and set no deadlines, and he never discussed the objections his closest allies have raised to taking the war there. His discussion of the nuclear and biological threat posed by hostile nations was clearly intended to build support for action there, though his aides said tonight that he had not meant to imply that military force was his only option.” (SANGER, David A. *The state of the union: the overview; bush, focusing on terrorism, says secure u.s. is top priority. Nyt*, 30 jan. 2002, Nova York. Disponível em <<http://www.nytimes.com/2002/01/30/us/state-union-overview-bush-focusing-terrorism-says-secure-us-top-priority.html?pagewanted=all&src=pm>>. Acesso em: 21 ago. 2013).

novo relatório sobre uma nova ameaça ou sobre alguma operação em progresso, ou dê uma ordem nessa Guerra Mundial contra uma maligna rede de assassinos.⁶⁴

Ao lembrar que o perigo ainda não se dissipara, o Presidente intencionava deixar no ar o clima de tensão necessário à continuidade de suas atitudes externas; tanto que sempre, ao dar uma informação de vitória na guerra, Bush mencionava logo em seguida uma nova ameaça. Podemos perceber que o – tão falado – mal se multiplicava à proporção que sofria golpes dos Estados Unidos, como uma gota de água que se dividia e aumentava em número na medida em que se aplicavam golpes contra ela.

É justamente nesse discurso que Bush direciona todas as suas atenções ao Iraque e à temível ameaça que ele representava ao mundo.

Hoje, o maior perigo na Guerra Contra o Terror, o maior perigo que a América e o mundo encaram, são os regimes ilegítimos que buscam possuir armas nucleares, químicas e biológicas. Esses regimes podem usar tais armas para chantagem, terror e assassinato em massa. Eles podem, também, vender essas armas a terroristas aliados, que podem usá-las sem a menor hesitação.⁶⁵

Antes de falar propriamente do Iraque, Bush destaca o famigerado *Eixo do Mal*. Devemos compreender que a administração Bush cria essa expressão como forma de apresentar um inimigo mais ameaçador, sendo que o foco de toda a ação, na realidade, é o Iraque. Faz-se *mister* ao Presidente não deixar de falar de todos os países que compõem o tal eixo, dando a atenção necessária àquele que seria invadido, o Iraque.

É justamente após falar do Irã e da Coreia do Norte que Bush apresenta a aterradora contabilidade das armas de destruição em massa, supostamente possuídas por Saddam Hussein no Iraque. De acordo com o relato, o governo iraquiano detinha posse de uma quantidade avassaladora de produtos para destruir e para matar uma quantidade absurda de vítimas.

⁶⁴ “There are days when our fellow citizens do not hear news about the war on terror. There's never a day when I do not learn of another threat or receive reports of operations in progress or give an order in this global war against a scattered network of killers.” (BUSH W, George. *State of the Union Address*. Washington, 28 de janeiro de 2003. Disponível em: <<http://millercenter.org/president/speeches/detail/45410>>. Acesso em: 21 ago. 2013).

⁶⁵ “Today, the gravest danger in the war on terror, the gravest danger facing America and the world, is outlaw regimes that seek and possess nuclear, chemical, and biological weapons. These regimes could use such weapons for blackmail, terror, and mass murder. They could also give or sell those weapons to terrorist allies, who would use them without the least hesitation.” (BUSH W, George. *State of the Union Address*. Washington: 28 de janeiro de 2003. Disponível em: <<http://millercenter.org/president/speeches/detail/45410>>. Acesso em: 21 ago. 2013).

Nesse momento a população observa seu Presidente contabilizar, em rede nacional, uma quantidade surpreendente de armas possuídas pelo Iraque, fato que representava um forte motivo para a população aderir à crença da existência de tais armas. Os números apresentados são somados aos ataques terroristas de 11 de setembro, aos ataques com antrax posteriores e às constantes notificações das autoridades que emitiam alertas de ataques terroristas.

Como bem mostrou Michael Moore em seu documentário, o FBI lançou um alerta para uma cidade do interior dos Estados Unidos com menos de dez mil habitantes, sendo uma filial do Walmart o maior alvo possível da cidade. A união desses fatores levou a população dos Estados Unidos a um estado de medo que beirava a paranoia, incluindo até mesmo membros da administração Bush, como fica evidente no livro de Jane Mayer⁶⁶. Esse medo seria o combustível das ações do governo: à medida que a máquina de guerra passa a andar mais devagar, novos alertas e discursos sobre o perigo iminente são proferidos e a bomba injetora de combustível pode manter o aparato militar funcionando.

Entretanto, essa paranoia começou a sofrer um decréscimo. Após a invasão do Iraque e a conquista dos objetivos da administração Bush, não havia mais tanta necessidade de se manter o discurso do medo na ativa ou, pelo menos, tão ativo como era no período de 2001 a 2003.

Já a partir de 2004, a situação começou a mudar gradativamente: o discurso do medo ainda tinha utilidade, mas ele serviu para viabilizar programas internos implementados durante a administração Bush, assim como para manter o apoio à guerra, que já tinha se tornado alvo de críticas, principalmente devido ao fato de não aparecerem as Armas de Destruição em Massa tão mencionadas pelo Presidente Bush.

Dando seguimento à contabilidade de palavras, no discurso *State of Union* de 2004, podemos atestar a presença de quase todas as expressões, salvo as palavras “destruição” e “armas”, tendo aparecido os termos “medo”, “terrorismo” e “químicas” somente uma vez; “terror”, cinco; “perigo”, onze; “ADM”, oito; e “terroristas”, quatorze. Ao analisarmos esse discurso, ficou evidente que nesse momento a preocupação do Presidente Bush era manter ativo o Ato Patriota, pois vinte e oito meses após o 11 de setembro nenhum outro atentado terrorista havia voltado a acontecer em solo estadunidense. O aumento da sensação de segurança, a incapacidade de se localizar Osama Bin Laden e o não aparecimento das ADM do Iraque estavam fazendo com que

⁶⁶ MAYER, Jane. *The Dark Side*. Doubleday. New York, 2008.

as pressões contra a guerra aumentassem; inclusive nos protestos havia a exigência do alívio de algumas das restrições internas impostas pelas leis de ação contra o terror.

O Ato Patriota oferecia ao governo um maior controle sobre a nação; sob a premissa de se estar investigando terrorismo, pessoas podiam ser presas sem acusação definida por um período de tempo superior a um mês, e os agentes do governo tinham permissão para colocar escutas telefônicas, por exemplo. Essas medidas representavam um verdadeiro endurecimento das leis nos Estados Unidos quanto à liberdade tão defendida por seu Presidente.

Percebemos que a preocupação da administração Bush no ano de 2004 foi conseguir que o Congresso renovasse o Ato Patriota, e para isso o Presidente retoma, em seu discurso de 2004, o tema do medo. Entretanto, podemos perceber uma sensível diferença com relação ao ano anterior, pré-invasão do Iraque. Bush afirma que, devido à não ocorrência de atentados em solo estadunidense após o 11 de setembro, o povo americano estava experimentando uma sensação de segurança; contudo, esse sentimento seria falso e perigoso. Nesses termos, se porventura o estadunidense baixasse sua guarda, em virtude do aparente estado de segurança, os inimigos do mundo civilizado se aproveitariam da oportunidade para atacar novamente: “Disposições principais do Ato Patriota devem expirar no próximo ano. A ameaça terrorista não possui data para expirar. Nossa aplicação da lei precisa dessa legislação vital para proteger os nossos cidadãos. Vocês precisam renovar a Lei Patriota”.

Com isso podemos perceber que o que Bush tenta transmitir nesse discurso é o processo de superação da guerra, mas sustentando que, ao menor sinal de recuo dos Estados Unidos, os terroristas atacariam com força total por entenderem essa atitude como uma fraqueza. Não obstante, é somente nesse momento do discurso que o Presidente George W. Bush trata de uma possível ameaça interna.

Feitas as devidas ponderações, podemos concluir que o discurso do medo tinha como intencionalidade principal realizar uma abertura de portas para o processo de criação e realização da Guerra no Iraque. Da mesma maneira, podemos dizer que, juntamente com o tema da ameaça das armas de destruição em massa, o medo de ataques terroristas em território nacional forneceram ao governo estadunidense as armas necessárias para manter a guerra funcionando. Por fim, percebemos que, a partir do momento em que a guerra já havia tido início, esse discurso se mostrou desnecessário, sendo utilizado somente para tentar manter em vigor o Ato Patriota, que, graças à maioria do Presidente no Congresso, foi renovado.

Após essa explanação, realizaremos uma análise do tema das Armas de Destruição em Massa no capítulo seguinte, com a intencionalidade de mostrar/reforçar nossa concepção de que o medo e as armas eram aparatos para manter em vigor as leis que diminuía as liberdades civis estadunidenses, bem como para viabilizar o esforço de guerra contra o *Eixo do Mal*.

Capítulo 4: Armas de Desilusão em Massa⁶⁷: a presença das Armas de Destruição em Massa nos discursos presidenciais de Bush

11 de setembro de 2001, um dia que marcou a história de uma nação, que marcou a vida de muitas pessoas ao redor do globo, que deu o pontapé inicial para a criação de novos paradigmas nos meios de se fazer política e guerra, um dia de acompanhar pela televisão as chamadas de notícias: um dia trágico! Em uma sequência de eventos aterrorizantes, o povo dos Estados Unidos, e da maior parte do mundo, pôde assistir ao vivo, no conforto de suas casas, aos ataques terroristas ao World Trade Center.

Os ataques de 11 de setembro marcaram a entrada do século XXI com o surgimento de alguns novos paradigmas em nosso mundo. O primeiro deles, indiscutivelmente, foi o terror generalizado; as cadeias de eventos ocasionadas pelos atentados fizeram com que boa parte do mundo se perguntasse: “E agora? Estamos em guerra? Quem é o inimigo?”; e a resposta do governo estadunidense foi: “Sim, estamos em guerra e o inimigo é o terrorista islâmico!”. O Presidente Bush, no dia 21 de setembro, em um discurso no Congresso Nacional afirma isso, declarando que:

Os americanos têm muitas perguntas hoje à noite. Os americanos estão perguntando: quem atacou nosso país?

As pistas que amealhamos nos dirigem a uma coleção de organizações terroristas difusas denominada Al Qaeda. Eles são os mesmos assassinos indiciados pelos ataques às embaixadas americanas na Tanzânia e no Quênia. Também são responsáveis pelo atentado a bomba ao U.S.S. Cole. Al Qaeda é para o terror o que a máfia é para o crime.

Mas seu objetivo não é ganhar dinheiro. Seu objetivo é refazer o mundo – e impor suas crenças radicais a pessoas do mundo todo.⁶⁸

⁶⁷ O título do capítulo faz referência a um livro publicado por Sheldon Rampton e John Stauher. O título original do livro é *Weapons of Mass Deception*, que em tradução livre ficaria *Armas de decepção em massa*. Devido ao encaixe perfeito que o título da obra possui com o capítulo, optamos por absorvê-lo em nosso trabalho.

⁶⁸ “Americans have many questions tonight. Americans are asking: Who attacked our country? The evidence we have gathered all points to a collection of loosely affiliated terrorist organizations known as Al Qaeda. They are some of the murderers indicted for bombing American embassies in Tanzania and Kenya, and responsible for bombing the USS Cole. Al Qaeda is to terror what the mafia is to crime. But its goal is

Foi assim que se desenvolveu o que alguns acadêmicos (naquele momento de esquizofrenia geral) intitularam de Era do Terror; previa-se que o número de atentados tenderia a aumentar exponencialmente, devido, em parte, à “inspiração” oferecida pelo 11 de setembro e, por outro lado, ao “incentivo” empregado pela resposta dos Estados Unidos aos ataques. Por essa razão, o novo século prometia ser de guerras e ataques, e ninguém estaria realmente seguro⁶⁹.

O segundo fator de grande importância nos ataques foi o fato de ser a primeira vez em que um ato de grandes proporções pôde ser transmitido ao vivo para o mundo. As televisões a todo momento transmitiam imagens sobre o ocorrido, e, nesse momento, aquele que foi considerado o novo meio de comunicação do novo século, a internet, destacou-se e mostrou toda a sua capacidade. Caso o atentado tivesse ocorrido com algumas décadas de antecedência, seria impossível para os jornais realizarem aquela cobertura; foi graças à internet que em 2001 já estava em cena, que os jornais puderam publicar atualizações a todo momento, pela rede, mantendo o ciclo de informações sobre os ataques em um ritmo crescente, o que garantiu uma distribuição ainda mais rápida das informações do dia⁷⁰.

Com os ataques, a administração Bush conseguiu os motivos de que precisava para construir a guerra por que ela tanto ansiava. Eliot Weinberger, em seu livro *Crônicas da Era Bush: o que ouvi sobre o Iraque*, afirma que: “Se a economia naufragar, como provavelmente acontecerá, uma nova campanha militar no Iraque será, com certeza, a distração mais adequada”⁷¹. Esse trecho foi escrito pelo autor no dia 27 de janeiro de 2000.

Jornalista e crítico corrosivo do governo estadunidense, principalmente da administração Bush, Eliot já anunciava a crise econômica nos Estados Unidos e uma

not making money; its goal is remaking the world – and imposing its radical beliefs on people everywhere.” (BUSH W., George. *09/20 Address to Joint Session of Congress Following 09/11 Attacks*. Washington, 2001. Disponível em: <<http://www.americanrhetoric.com/speeches/gwbush911jointsessionspeech.htm>>. Acesso em: 21 ago. 2013).

⁶⁹ Para uma discussão mais elaborada sobre o tema da Era do Terror, suas premissas e possibilidades, basta fazer uma consulta ao livro *A Era do Terror: o mundo depois de 11 de setembro*; nele Nayan Chanda e Strobe Talbott organizaram uma série de artigos que visam a debater a chamada Era do Terror.

⁷⁰ Para um estudo detalhado da internet e de sua participação na cobertura do 11 de setembro, ler: CAMPOS, Sidney de. *O evento de 11 de setembro nos EUA e o discurso da internet*. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-22112007-145125/>>. Acesso em: 01 out. 2012.

⁷¹ WEINBERGER, Eliot. *Crônicas da Era Bush: o que eu ouvi sobre o Iraque*. Editora Record, Rio de Janeiro, 2006. p. 23.

guerra, provavelmente no Iraque, como forma de distração das mazelas ocorridas por causa da crise. Fica evidente, assim, que o 11 de setembro apenas deu a justificativa necessária para que o governo da administração Bush começasse o conflito que já pretendia produzir. No entanto, os atentados deram à administração Bush uma guerra, mas não no território que era desejado; os líderes da Al Qaeda estavam escondidos no Afeganistão, e Bush estava interessado em invadir o Iraque. No documentário *Fahrenheit 11/09*, o cineasta Michael Moore evidencia bem esse intuito de Bush. Em um determinado momento é apresentada uma entrevista com Richard Clarke, ex-coordenador do grupo de antiterrorismo de Bush, em que ele afirma:

O Presidente, de maneira claramente intimidatória, nos deixou, a mim e a minha equipe, com a clara indicação que queria que voltássemos com a afirmação de que havia uma mão iraquiana por trás do 11 de setembro. Isso porque já vinham planejando alguma coisa sobre o Iraque antes mesmo de assumir o governo.⁷²

Portanto, ao partimos do princípio de que a guerra contra o Iraque era um acontecimento inevitável, entendemos que a administração de George W. Bush trabalhou com uma estratégia agressiva para construí-la, de uma forma ou de outra. Realizamos aqui uma análise de alguns discursos do Presidente George W. Bush de modo a evidenciar de que maneira ele abordou o tema das Armas de Destruição em Massa (ADM) durante o período em que esteve à frente da administração do governo dos Estados Unidos. Compreendemos, outrossim, que houve quatro grandes momentos nos pronunciamentos referentes aos discursos de uma ameaça nuclear vinda do Iraque e do *Eixo do Mal*.

O primeiro momento do discurso das ADM é o período antes do 11 de setembro; nesse estágio, os Estados Unidos se encontravam com o maior superávit da história e não havia grandes conflitos ocorrendo no mundo, ou, pelo menos, não na parte importante para o Ocidente. Dito isso, pretendemos observar como o Presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, passa a se referir às ADM logo no seu discurso de posse. Vale salientar que isso ocorre em um momento de estabilidade mundial, o que ajuda a corroborar a hipótese de que Bush entrou na Casa Branca com a intenção de arquitetar a guerra⁷³.

⁷² MOORE, Michael. *O livro oficial do filme Fahrenheit 11 de setembro*. Francis, São Paulo 2004. p. 57.

⁷³ Para citar alguns autores que afirmam o estado bem sucedido da economia estadunidense no momento da posse do Presidente Bush, podemos destacar Eliot Weinberg, Noam Chomsky e Michael Moore. Todos eles fazem questão de declarar que Bush assumiu o país em ótimas condições e o afundou em uma crise de grandes proporções, acentuada ainda mais com o calote da Enron. Para mais informações sobre a quebra da Enron, indicamos o comentário sobre a empresa, denominado *Enron*.

O segundo momento da evolução do discurso envolvendo as ADM surgiu após o 11 de setembro. Com os atentados, o governo dispõe do motivo que buscou para se fazer a guerra; contudo, o conflito havia rumado para o Afeganistão, embora o alvo principal fosse o Iraque. Nesse estágio, o enfoque nas ADM tornou-se ainda mais agressivo, em razão dos sentimentos de medo e de terror (despertados pelos ataques), os quais chegaram a um nível absurdo quando as primeiras cartas com um pó branco peculiar foram enviadas pelos correios: os ataques biológicos com Antrax.

Já o terceiro momento teve seu início quando o Presidente Bush passou a investir na construção da Guerra no Iraque. Nesse período, o tema das ADM tomou uma proporção maior e mais ameaçadora; a partir do *State of Union*⁷⁴ de 2002, Bush afirmava de todas as maneiras, bem como apresentava relatórios que comprovavam sua ideia, a existência das ADM no Iraque. Dessa forma, esse terceiro momento se caracterizou como o mais agressivo na acusação contra o Iraque.

Por fim, o quarto momento em que as ADM surgiram foi após a descoberta e a afirmação de que não existiam tais armas no Iraque e que boa parte das provas apresentadas pelo governo dos Estados Unidos não era precisa ou verdadeira. Nesse instante, o tema das ADM perdeu a força agressiva de que dispunha e passou a surgir com pedidos de desculpas e justificativas para erros administrativos, bem como com o reconhecimento da vergonha do governo, que sofria uma imensa pressão mundial para que se pusesse fim à guerra.

Sabendo disso, vale salientar que foi necessária a utilização dos discursos do Presidente Bush que fizeram referências às ADM. Por essa razão, retomaremos alguns discursos já analisados anteriormente no capítulo três, já que, no momento das análises anteriores, preferimos deixar de lado o tema das ADM, de forma a dar um destaque maior esse tema que foi a grande justificativa para a Guerra no Iraque.

Construindo uma guerra: o discurso da “ameaça mundial iminente”

Devido à análise dos fatos dos oito anos da administração de George W. Bush (2001-2008), podemos supor, com relativa segurança, que o Presidente ascendeu ao poder estadunidense já planejando criar uma guerra. O inimigo era quase evidente, Saddam

⁷⁴ OBAMA, Barack. *State of Union*. Washington, 2012. Disponível em: <http://photos.state.gov/libraries/ukraine/164171/pdf/state_union10.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2012.

Hussein havia sido projetado para o mundo como o novo Hitler durante a administração do pai de Bush.

No decorrer do mandato à frente dos Estados Unidos, George H. W. Bush (1989-1993), ou Bush pai, foi responsável pela criação da Primeira Guerra do Golfo. No final dos anos 80, Bush pai tinha o Iraque como um aliado, partindo do princípio de que “os inimigos dos meus inimigos são meus amigos”; o Iraque fazia uma oposição direta ao governo do Irã, que, por sua vez, havia se tornado inimigo dos Estados Unidos quando a revolução islâmica (1979) derrubou o monarca iraniano Mohammad Reza Pahlevi, que era pró-Occidente, e transformou a nação em um governo “republicano” sob o comando do aiatolá Khomeini, por sua vez antioccidental.

Como o Iraque não havia se aliado ao Irã, o governo dos Estados Unidos passou a investir naquele país em sua luta contra o inimigo comum. Logo quando se iniciou a Guerra Irã *versus* Iraque (1980-1988), o governo estadunidense investiu pesadamente no governo iraquiano de Saddam Hussein na tentativa de derrubar o regime iraniano, restabelecendo o controle sobre a região. Como o governo iraquiano era aliado, o governo dos Estados Unidos fez vista grossa para as atrocidades cometidas no país, em prol da luta contra o Irã.⁷⁵ Todavia, esse cenário sofreu uma grande mudança quando Saddam optou pela invasão do Kuwait.

Inicialmente a administração Bush pai advertiu o Iraque pela invasão do Kuwait, mas não tomou qualquer medida para retaliar as ações de Saddam, mantendo viva a aliança. Entretanto, Bush se viu obrigado a começar a guerra quando o Iraque passou a representar um risco ao controle do governo estadunidense na região; caso Saddam obtivesse o controle do petróleo kuwaitiano, o país árabe passaria a ser dono de uma reserva de petróleo considerável, bem como obteria acesso ao mar.

Somando-se a isso, existia a ameaça de que o Iraque fosse capaz de alcançar a paz com o Irã, o que levaria à diminuição da influência dos Estados Unidos na maior parte do Oriente Médio e à consequente perda do controle sobre a maior parte das reservas de petróleo da região. Juntamente com a motivação de manter a hegemonia geopolítica dos EUA, o Presidente Bush foi levado a agir contra o Iraque devido à declaração de Margareth Thatcher, pois inferiu que não era hora de ser vacilante.⁷⁶

Sendo assim, para justificar a Primeira Guerra do Golfo, Bush constrói Saddam Hussein, aliado até poucos dias anteriores, como o novo monstro da humanidade. Para

⁷⁵ GARDNER, Lloyd. *The Ministry of Fear: Selling the Gulf Wars*. p. 225.

⁷⁶ GARDNER, Lloyd. p. 226.

dar suporte a essa ameaça, a administração Herbert Bush passa a investir na demonização de Saddam; a prioridade do governo estadunidense (referente ao Oriente Médio) era a construção do novo inimigo mundial.

Para tanto, os Estados Unidos passaram a denunciar à comunidade internacional as atrocidades do ditador iraquiano, tendo em vista a construção dele como uma ameaça ao “mundo civilizado”. Essa construção tomou ares de realidade quando Saddam, em um pronunciamento, ameaçou atacar Israel caso o Ocidente intervisse em sua guerra, fornecendo, assim, os motivos de que Herbert Bush necessitava para justificar a ameaça que Saddam exercia. O inimigo estava criado⁷⁷.

Durante a operação Tempestade no Deserto, as forças armadas estadunidenses impuseram uma derrota pesada às tropas iraquianas, que tiveram de recuar de volta para o Iraque. A vitória era certa, mas o Presidente George H. W. Bush ordenou que as tropas dos Estados Unidos não invadissem o território iraquiano, deixando Saddam livre para governar.

Para Noam Chomsky, o motivo que levou o Presidente Bush pai a desistir da invasão do Iraque por parte do exército estadunidense foi a impossibilidade de se precisar, com alguma certeza, a chance de o governo iraquiano oferecer uma resistência real, de forma que poderia acarretar um grande número de baixas de soldados estadunidenses⁷⁸.

Herbert Bush evita invadir o território iraquiano, assumindo, assim, uma tática diferente da recomendada pelo General estadunidense Colin Powell que insistia na invasão e derrubada do ditador. Cinco anos após a Primeira Guerra do Golfo, Powell afirmou em uma entrevista à PBS⁷⁹ que:

Quando você demoniza um inimigo da forma pela qual o Presidente fez com Saddam Hussein e outros também o fizeram – francamente até eu mesmo fiz, de tempos em tempos porque é mais útil colocar um rosto em uma crise – mas, ao demonizá-lo, pelo Presidente e pelo resto de nós, você cria expectativas de que irá tomar alguma atitude até o fim do dia.⁸⁰

Essa hesitação do Presidente Bush contribuiu para dois fatores que fariam grande diferença na decisão de seu filho George W. Bush no curso das ações que levaram à invasão do Iraque. O primeiro fator é que, devido à não derrubada de Saddam do governo

⁷⁷ GARDNER, Lloyd. p. 229.

⁷⁸ CHOMSKY, Noam. *Ambições imperiais: o mundo pós 11 de setembro*. Ediouro. Rio de Janeiro, 2006.

⁷⁹ A PBS é um canal de televisão estadunidense.

⁸⁰ GARDNER, Lloyd. p. 235.

iraquiano, alguns segmentos do governo estadunidense passaram a tratar a Primeira Guerra do Golfo como perdida, já que Saddam continuava a governar o país. Inclusa nesse *hall* está a maioria dos integrantes da alta cúpula do governo de Bush filho⁸¹.

Um segundo fator, não comprovado, mas que persegue a imagem da família Bush, pai e filho, é a acusação de serem ambos covardes, pois, durante o período em que serviram militarmente, surgiram evidências acerca dessa hipótese e, portanto, eles seriam uma vergonha para o país; Bush pai foi acusado de, durante a Segunda Guerra Mundial, ter saltado de paraquedas (sem motivos aparentes) do caça que estava pilotando, o que acarretou na morte de todos os outros passageiros; já Bush filho foi acusado de ter desertado do serviço militar durante a Guerra do Vietnã, tendo sido protegido de medidas disciplinares devido às conexões políticas de seu pai. Essas histórias sobre a suposta covardia dos Bush nunca foram comprovadas, mas consistiram em uma pedra renitente no sapato do Presidente Bush filho⁸².

É claro que havia muitos outros motivos implícitos na invasão do Iraque, além da vingança do Presidente Bush e sua busca por “atenuar” a sua “imagem de covarde”. Podemos elencar como motivos evidentes: obter o controle da segunda maior reserva de petróleo terrestre do mundo e adquirir um posto avançado ainda mais próximo do Irã (mais próximo que Israel). Apesar disso, quando proferia seu exercício discursivo de improvisado e dava alguma declaração sobre a Guerra no Iraque e sobre suas motivações para levar à frente o conflito (como fica bem destacado nas cenas apresentadas no documentário de Michael Moore), Bush insistia em apresentar a vingança como uma das principais razões da guerra.

A busca da administração Bush por um fortalecimento das forças armadas estadunidenses e uma política agressiva contra o Oriente Médio foram demonstradas várias vezes, antes mesmo de ele ser eleito. Quando concorria às eleições para vice-presidente na chapa de Bush no ano 2000, um artigo do *New York Times* publicava que Cheney (tal qual Bush) não poupava críticas à administração Clinton, pelo fato de o Governo ter reduzido o orçamento das forças militares, bem como por desperdiçar

⁸¹ WEINBERGER, Eliot. *Crônicas da Era Bush: o que eu ouvi sobre o Iraque*. Editora Record, Rio de Janeiro, 2006. p. 23.

⁸² Além de Eliot Weinberger, Michael Moore, em seu documentário sobre o 11 de setembro, não só apresenta documentos sobre a deserção de Bush, como vai além, mostrando toda uma conspiração política econômica para livrá-lo da guerra do Vietnã e livrar também as companhias de petróleo dos Estados Unidos.

dinheiro e componentes humanos em missões humanitárias que não apresentavam valor estratégico para os EUA⁸³.

Seguindo essa linha de raciocínio, durante o segundo debate para as eleições, Bush voltou a afirmar que o Iraque continuava desrespeitando as sanções da ONU e que os EUA iriam oferecer total apoio a Israel, também declarou que não toleraria que o Iraque ou o Irã ameaçassem os aliados dos estadunidenses e o fornecimento de petróleo para o mundo⁸⁴.

Dessa forma, podemos inferir que não importavam as atitudes tomadas por Saddam Hussein para evitar a guerra, pois ela já estava acertada e ele marcado como “inimigo mundial número um da vez”. A guerra era algo almejado pelo Presidente desde sua entrada no governo e os atentados de 11 de setembro deram a margem para essa guerra.

Mesmo possuindo os recursos do exército mais bem equipado do mundo, a captura de Osama Bin Laden foi um insucesso. Por esse motivo, o governo da administração Bush necessitava de alguém para ser punido e assumir o lugar de Bin Laden. Sendo assim, a administração Bush rumou para o Iraque como uma válvula de escape de sua incapacidade de prender Osama, afinal, esse país era um inimigo mais concreto a se enfrentar e Saddam tinha uma localização mais simples de se encontrar, diferentemente da Al Qaeda, que não possui um país sede, e de Osama, que podia se esconder por todo o mundo.

Por essas razões, diante da necessidade de se justificar a invasão a uma nação soberana, o governo estadunidense precisava reavivar na memória do americano, e de alguns países do mundo, o quão “demoníaco” podia ser Saddam Hussein. É nesse momento que o discurso das ADM e do *Eixo do Mal* entram na ativa.

Prenúncio de uma guerra às ADM pré 11 de setembro

As ADM serão o meio escolhido pela administração Bush para validar a guerra no Iraque; provavelmente essa opção já era estudada desde sua posse, como se revela no pronunciamento do Presidente em seu discurso inaugural. Configuradas como o modo de

⁸³ COOPER, Michael. THE 2000 CAMPAIGN: THE REPUBLICAN RUNNING MATE; Cheney Urges Rethinking Use of U.S. Ground Forces In Bosnia and Kosovo. *New York Times*, 01 set. 2000. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2000/09/01/us/2000-campaign-republican-running-mate-cheney-urges-rethinking-use-us-ground.html>>. Acesso em: 04 jan. 2013.

⁸⁴ O texto completo do debate pode ser encontrado no site: <<http://www.nytimes.com/2000/10/12/us/2000-campaign-2nd-presidential-debate-between-gov-bush-vice-president-gore.html?pagewanted=all&src=pm>>. Acesso em: 04 jan. 2013.

destruição perfeito, as ADM seriam uma boa justificativa para se construir uma guerra; o ato de invadir um país para impedir que ele utilize uma arma que tem o poder de destruir uma cidade inteira ou de matar milhões de pessoas de uma só vez já é uma imagem corriqueira formada no imaginário do estadunidense, afinal, não são poucos os filmes que retratam o tema.

Dessa forma, nada mais aceitável que o fato de o Presidente dos Estados Unidos aproveitar-se do mesmo motivo para “salvar” o mundo, ou seja, para invadir uma nação e destruir as tais armas que o devastariam, tornando o planeta um local melhor de se viver. E assim George W. Bush entra na Casa Branca, com a missão de construir essa guerra a partir da alegação de salvar o mundo (EUA) de um ataque nuclear; uma justificativa simplista para uma ação intervencionista.

Mas como se deu essa construção? Os discursos que tocam no tema das ADM sofreram uma evolução e, conforme a guerra vai se justificando, essa transformação se desenrola, organizando-se em quatro momentos distintos, os quais trabalharemos de forma pormenorizada aqui, para que seja possível visualizar melhor o quadro. À medida que os fatos ocorreram, o governo estadunidense da administração Bush adaptou o discurso como uma forma de mantê-lo sempre vivo e ativo; mesmo quando a guerra foi concretizada, esse discurso se manteve até o momento em que se provou que essa justificativa (das ADM) era uma falácia.

O primeiro momento do discurso referente às ADM foi durante a posse do Presidente Bush, na qual, de maneira rápida e sucinta, ele evoca a história (característica costumeira de seus pronunciamentos) e fala sobre erros do passado.

Contudo, para compreender essa formação, temos de deixar evidentes algumas das razões que moviam o Presidente. Uma figura controversa durante todo o seu governo, a George W. Bush foram atribuídos vários adjetivos: covarde, bobo, fantoche, incompetente, estranho, maníaco religioso, maníaco bélico, etc.⁸⁵ Essas adjetivações surgem, em parte, como consequência da insatisfação com a administração do Presidente, pois seu governo mergulhou os Estados Unidos em uma crise econômica brutal e criou uma guerra demorada, baseada em dados inexistentes. Um desses vários dados que serviram como justificativa para a Guerra no Iraque foi a suposta existência das Armas de Destruição em Massa nesse país e o também suposto desejo de Saddam Hussein de

⁸⁵ Eliot Weinberger faz uma compilação, em todo o livro, de boa parte dessas adjetivações atribuídas ao Presidente.

usá-las contra os Estados Unidos e seus aliados – leia-se Israel. É a essa justificativa apresentada por Bush que pretendemos nos ater neste momento.

Como já foi dito, o Presidente George W. Bush subiu ao poder com a intenção de realizar uma guerra⁸⁶; no entanto, para que se construísse uma guerra, era necessário existir uma ameaça a ser combatida. Ocorre que uma ameaça a ser combatida é o que poderia influenciar a população a dar o aval para o governo tomar ações externas. Ocorre que, para que uma guerra seja efetivada, faz-se necessário que o governo consiga o apoio de três esferas de poder diferentes, as quais, juntas, formam a chamada opinião pública⁸⁷, são elas: o congresso, a diplomacia e o povo. Para o governo viabilizar uma intervenção externa e evitar que ela se transforme em um desastre político, é de imprescindível importância que ele tenha o apoio desses três grupos⁸⁸.

A construção da opinião a favor da guerra começou no início do mandato do Presidente Bush, que, ao fazer seu primeiro pronunciamento oficial, toca nos assuntos das ADM. Dessa forma, apresenta o tema que, provavelmente, seria trabalhado mais adiante como justificativa para a guerra. Podemos observar, no discurso inaugural, que o Presidente Bush toca em pontos sensíveis que, ao serem mais bem analisados, representam um claro direcionamento para uma atitude bélica: “Agora nós devemos escolher se o exemplo de nossos pais e mães irão nos inspirar ou nos condenar. Nós devemos mostrar coragem em um tempo de bênçãos, confrontando os problemas ao invés de passá-los às futuras gerações”.

Nesse trecho, Bush faz uma afirmação singular, a qual, de uma forma velada, tem ligação com as ações de Bush pai durante a Guerra do Golfo (1990-1991). Ao afirmar que se deve confrontar os problemas ao invés de passá-los para as gerações futuras, podemos levantar a hipótese de que Bush se referia ao fato de seu pai ter ido contra os conselhos de seus assessores, recusando-se a invadir o Iraque e a depor Saddam. Sendo assim, o trecho apresenta que a não invasão do Iraque foi um erro que devia ser corrigido pela geração sucessora; nesse caso, Bush filho “resolve o problema” deixado por Bush pai.

Isso fica ainda mais evidente quando comparamos esse trecho com um trecho de outro discurso feito por Bush dois anos depois; em 2003, no seu segundo *State of Union*,

⁸⁶WEINBERGER, Eliot. *Crônicas da Era Bush*: o que eu ouvi sobre o Iraque. Editora Record, Rio de Janeiro, 2006. p. 23.

⁸⁷ Esse Sistema de formação da opinião pública serve para a realidade dos Estados Unidos e não é uma regra.

⁸⁸ JOHNS, Andrew L. *Introduction: Hail to the Salesman in Chief*. p. 11.

no qual o então Presidente afirma que: “Este país possui vários desafios. Nós não iremos negá-los, não iremos ignorá-los, não iremos passar nossos problemas para outro Congresso, para outros Presidentes e outras gerações. Iremos confrontá-los com foco, pureza e coragem”.

Concluimos, portanto, que é evidente a analogia estabelecida por Bush em seu discurso de inauguração quanto ao fato de Saddam não ter sido retirado do poder e constituir uma ameaça ao governo estadunidense. Assim, a invasão do Iraque se torna um meio de acabar com o “monstro” construído pelo governo estadunidense durante a administração de Herbert Bush, que por ela não foi eliminado. A continuidade de Saddam à frente do governo iraquiano causava um “mal-estar” entre a sociedade estadunidense, sendo assim, ele era um problema que não podia ser ignorado; logo, seguindo a inspiração de seu pai, o Presidente estaria tentando concluir o serviço que já se iniciara.

Logo em seguida à declaração de que os erros do passado não devem ser deixados de lado e de que a nação deve tomar atitudes, Bush afirma que:

Nós iremos confrontar armas de destruição em massa, então o novo século será poupado de novos horrores.

Os inimigos da liberdade e nosso país não deveram cometer erros: a América continua engajada no mundo através da história e da escolha, moldando a balança do poder em favor da liberdade. Iremos defender nossos aliados e nossos interesses.⁸⁹

Surge aqui outro ponto interessante, o qual novamente nos remete a momentos futuros; Bush falava em evitar e confrontar armas de destruição em massa, tema que viria a ser o tópico principal de seu governo após a invasão do Afeganistão. Assim, Bush aludia ao problema da destruição nuclear um ano antes de o caos gerado pelos atentados de 11 de setembro ter instaurado o clima de medo generalizado nos Estados Unidos, configurando o estopim para as GCT; isso em um período de relativa paz mundial. Somando-se a esse momento de paz, temos o fato de que a própria Casa Branca, durante a administração Clinton, havia excluído a possibilidade de Saddam conseguir as armas, bem como de se aliar à Coreia do Norte ou ao Irã (ainda mais fora de questão), como podemos atestar no artigo público no *New York Times* de 20 de março de 2000 (quase um ano antes da posse de Bush):

⁸⁹ “We will confront weapons of mass destruction, so that a new century is spared new horrors. The enemies of liberty and our country should make no mistake: America remains engaged in the world by history and by choice, shaping a balance of power that favors freedom. We will defend our allies and our interests.” (BUSH W, George. *First Inaugural Address*. Washington: 20 de janeiro de 2001. Disponível em: <<http://millercenter.org/president/speeches/detail/3645>>. Acesso em: 29 out. 2012).

A avaliação corrente dos EUA é que qualquer projeto de uma fábrica de mísseis financiadas pelo Iraque “não pode ser confirmada,” embora não haja dúvida de que a Coreia do Norte tem vendido armas ao Sudão [...]. Apenas rumores de inteligência.

Sua razão lógica para o ceticismo é que o Sudão está fortemente infiltrado por agentes iranianos, que podem sabotar ou divulgar qualquer plano iraquiano. Outra é que Pyongyang seguramente está agora no meio de uma ofensiva de charme, que em breve incluirá a primeira visita a Washington por um diplomata de alto nível desde o fim da Guerra da Coreia. Essa negociação de armas pesadas seria contrária a essa abertura.⁹⁰

Sabemos, então, que na altura da posse, o motivo escolhido por Bush para a Guerra no Iraque seria as ADM: uma justificativa dura como um diamante que deveria ser lapidado aos poucos para tomar forma e ser vendido, já que os relatórios da Casa Branca diziam justamente o contrário durante o governo Clinton. Como uma alternativa à construção da guerra contra o Iraque, os atentados de 11 de setembro apresentaram uma razão bem mais forte, e o conflito só precisava ser remanejado do Afeganistão para o território iraquiano, sendo apoiado pelos próprios conservadores estadunidenses, mesmo que não houvesse motivos para acusar Saddam de envolvimento no dia 11 de setembro, algo evidenciado pelo *New York Times* (NYT) no dia 19 de setembro de 2001:

Um número de conservadores circulou uma nova carta de hoje convidando o presidente para "fazer um esforço determinado para remover Saddam Hussein do poder", mesmo que ele não possa ser ligado aos terroristas que atacaram Nova York e Washington na semana passada.⁹¹

Portanto, a maior parte do trabalho de criar grandes justificativas havia sido realizado: os conservadores pediam o sangue de “todos os antigos inimigos”

⁹⁰“The current U.S. assessment is that any Iraqi-financed missile factory ‘cannot be confirmed’, although there is no doubt that North Korea has been peddling arms in Sudan. ‘The report is impossible to stamp out’, says a frustrated doubter. Another derogates the story that won't go away as ‘rumint’ – merely rumored intelligence. Their logical reason for skepticism is that Sudan is heavily infiltrated by Iranian operatives, who might sabotage or publicize any Iraqi plant. Another is that newly secure Pyongyang is now in the midst of a charm offensive, which will soon include the first visit to Washington by a high-level diplomat since the end of the Korean War. This huge weapons deal would run counter to that opening.” (SAFIRE, Willian. Essay; Saddam's Sudan? *New York Times*, 23 mar. 2000. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2000/03/23/opinion/essay-saddam-s-sudan.html>>. Acesso em: 23 ago. 2013.

⁹¹ “A number of conservatives circulated a new letter today calling on the president to "make a determined effort to remove Saddam Hussein from power" even if he cannot be linked to the terrorists who struck New York and Washington last week.” (TYLER, Patrick E.; SCIOLINO, Elaine. A NATION CHALLENGED: WASHINGTON; Bush's Advisers Split on Scope Of Retaliation. *New York Times*, 20 set. 2001. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2001/09/20/world/a-nation-challenged-washington-bush-s-advisers-split-on-scope-of-retaliation.html>>. Acesso em: 23 ago. 2013.

estadunidenses e bastava um redirecionamento ou algo que relacionasse Saddam aos atentados para conquistar o apoio dos indecisos pela guerra, o que aconteceu sem demora. Assim, as ADM surgem nesse discurso de forma rápida, apesar de o tom ameaçador perpassar todo o pronunciamento do Presidente⁹².

11 de setembro e o andar da carruagem das ADM

No ano de 2002, quatro meses após terem acontecido os ataques de 11 de setembro, o tema das ADM sofre um avanço vertiginoso. Isso ocorre porque é a partir desse momento que a administração do governo estadunidense opta por virar a bússola da guerra para o Iraque e caçar Saddam Hussein definitivamente, deixando de lado Osama Bin Laden, cujo paradeiro era desconhecido.

Com isso, o Presidente Bush passa a ser bem mais direto no tocante ao tema das ADM; essa foi, obviamente, uma estratégia adotada, pois era o momento em que a sua administração tentava manter o sentimento de medo em alta para viabilizar todas as ações do governo. Vale salientar que foi nesse ano que Bush tentou e conseguiu aprovar no Congresso o Ato Patriota⁹³.

Como um reforço ao projeto de causar medo, para gerar justificativas plausíveis, Bush volta a citar as lutas para que “regimes fora da lei”⁹⁴ não consigam armas de destruição em massa. Para tanto, repete a mesma sentença de seu discurso de posse realizado dois anos antes, quando o mundo estava em relativa paz. Essa retomada da questão das armas biológicas, nesse momento, evidencia que Bush optara por invadir o

⁹² Nossa hipótese acerca do motivo para as ADM terem surgido de forma tão rápida nesse discurso é que, como a formação da opinião pública a favor de uma guerra não é algo simples de se conseguir, o Presidente Bush pretendia evocar esse tema aos poucos até o momento em que poderia construir alguma evidência que validasse o conflito.

⁹³ O ato conhecido como Ato Patriota possui o nome completo de “Ato Patriota dos EUA: preservando a vida e a liberdade (unindo e fortalecendo a América por meio do provimento das ferramentas necessárias e requeridas para interceptar e obstruir o terrorismo)”. Em sua definição, presente no site da justiça estadunidense, afirma-se que: a primeira prioridade do Departamento de Justiça é prevenir futuros ataques terroristas. Desde sua aprovação, após os ataques de 11 de setembro de 2001, o Ato Patriota tem desempenhado um papel fundamental – e muitas vezes o papel de liderança – em uma série de operações bem-sucedidas para proteger os americanos inocentes dos planos mortais de terroristas dedicados a destruir a América e nosso modo de vida. Embora os resultados tenham sido importantes, ao aprovar o Ato Patriota, o Congresso previa, apenas modestamente, mudanças incrementais na lei. O Congresso simplesmente tomou princípios legais existentes e os adaptou para preservar a vida e a liberdade do povo norte-americano a partir dos desafios colocados por uma rede terrorista global. (Tradução livre feita pelo próprio autor, retirado do site da justiça dos EUA. Disponível em: <<http://www.justice.gov/archive/ll/highlights.htm>>. Acesso em: 03 jan. 2013).

⁹⁴ “Outlaw regimes” (BUSH W, George. *State of the Union Address*. Washington: 29 de janeiro de 2002. Disponível em: <<http://www.americanrhetoric.com/speeches/stateoftheunion2002.htm>>. Acesso em: 21 ago. 2013).

Iraque, conforme desejavam os conservadores. Sabendo que esses ansiavam pelo ataque aos inimigos dos Estados Unidos, mesmo àqueles que não tiveram envolvimento no 11 de setembro, o Presidente Bush cria um inimigo mais tangível, ou melhor, um grupo de inimigos que supostamente estariam unidos e comprometidos com a destruição mundial: o “grande inimigo mundial” de seu governo, o *Eixo do Mal*.

O *Eixo do Mal* é apresentado a partir de uma ordem específica que nos permite perceber o verdadeiro alvo do Presidente. A apresentação se inicia com a referência breve a dois de seus integrantes: “A Coreia do Norte é um regime armado com mísseis e armas de destruição em massa, enquanto seus cidadãos ficam esfomeados”⁹⁵. Logo depois o Presidente afirma: “O Irã agressivamente busca estas armas para exportar o terror, com a repressão de uns poucos não eleitos, o povo do Irã espera pela liberdade”⁹⁶. No entanto, quando ele vai se referir ao terceiro integrante do tal *Eixo do Mal*, acontece uma dedicação exacerbada na descrição de como o tal governo é perverso:

Iraque continua hostil à América e suporta o terror. O regime iraquiano tem planejado desenvolver antrax, gás nervoso, e Armas de Destruição em Massa por mais de uma década. Este é um regime que já usou gás venenoso para matar milhares de seus cidadãos, deixando o corpo de mães empilhadas sobre seus filhos mortos. Este é um regime que concordou com a inspeção internacional, e então expulsou os inspetores. Este é um regime que possui algo a esconder do mundo civilizado.⁹⁷

O Iraque surge como um governo cruel e terrível, que, além de odiar os Estados Unidos, odeia o mundo e objetiva destruir a civilização apoiando terroristas e buscando armas químicas e biológicas para levar à frente seus planos cruéis de destruição e morte. Bush traça o perfil de Saddam Hussein como se ele fosse um supervilão de HQ (História em Quadrinhos), alguém que se equiparava a vilões como Lex Luthor e Dr. Destino.

⁹⁵ “North Korea is a regime arming with missiles and weapons of mass destruction, while starving its citizens.” (BUSH W, George. *State of the Union Address*. Washington: 29 de janeiro de 2002. Disponível em: <<http://www.americanrhetoric.com/speeches/stateoftheunion2002.htm>>. Acesso em: 21 ago. 2013).

⁹⁶ “Iran aggressively pursues these weapons and exports terror, while an unelected few repress the Iranian people's hope for freedom.” (BUSH W, George. *State of the Union Address*. Washington: 29 de janeiro de 2002. Disponível em: <<http://www.americanrhetoric.com/speeches/stateoftheunion2002.htm>>. Acesso em: 21 ago. 2013).

⁹⁷ “Iraq continues to flaunt its hostility toward America and to support terror. The Iraqi regime has plotted to develop anthrax, and nerve gas, and nuclear weapons for over a decade. This is a regime that has already used poison gas to murder thousands of its own citizens – leaving the bodies of mothers huddled over their dead children. This is a regime that agreed to international inspections – then kicked out the inspectors. This is a regime that has something to hide from the civilized world.” (BUSH W, George. *State of the Union Address*. Washington: 29 de janeiro de 2002. Disponível em: <<http://www.americanrhetoric.com/speeches/stateoftheunion2002.htm>>. Acesso em: 21 ago. 2013).

Todavia, esses paralelos traçados com a pessoa de Saddam são, na melhor das hipóteses, problemáticas.

O Iraque era governado por um ramo Sunita do islã, o que o afastava em grande parte dos grupos radicais Xiitas, tornando uma aliança complicada. Quanto ao fato de o país possuir e tentar produzir armas químicas, revelou-se que se tratava de uma farsa do governo americano. A farsa das Armas de Destruição em Massa provavelmente foi formulada com base no fato de os Estados Unidos serem os maiores credores e vendedores de produtos para a produção de tais armas no Iraque. Em seu livro, denominado *Genocídio*, a jornalista Samantha Power evidencia que os Estados Unidos não só foram aliados durante o governo de Saddam Hussein e possuíam o conhecimento do massacre dos curdos por armas químicas, mas também forneciam os produtos para a produção delas; todavia, preferiram apoiar Saddam Hussein em seu massacre a aceitar a chance de uma vitória iraniana na guerra contra o Iraque, o que levaria à necessidade de se lidar com um Irã e Iraque unificados. Dessa maneira, conforme Power demonstra em todo o livro, o genocídio só seria impedido em caso de favorecimento estratégico⁹⁸. O governo dos Estados Unidos assumia, pois, que as armas estavam lá por terem sido eles mesmos que forneceram grande parte do material para sua produção.

No ano de 2003, apenas alguns meses antes do início das operações no Iraque, o Presidente Bush realiza o pronunciamento anual do Estado da União (*State of Union*), no qual explana de todas as formas possíveis por que a guerra é necessária. Em um discurso de caráter agressivo e escrito em grande parte por integrantes do alto escalão da CIA, o Presidente George W. Bush declara:

Hoje, o maior perigo na Guerra Contra o Terror, o maior perigo que a América e o mundo encaram, são os regimes ilegítimos que buscam possuir armas nucleares, químicas e biológicas. Esses regimes podem usar tais armas para chantagem, terror e assassinato em massa. Eles podem, também, vender essas armas a terroristas aliados, que podem usá-las sem a menor hesitação.⁹⁹

⁹⁸ POWER, Samantha. *Genocídio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

⁹⁹“Today, the gravest danger in the war on terror, the gravest danger facing America and the world, is outlaw regimes that seek and possess nuclear, chemical, and biological weapons. These regimes could use such weapons for blackmail, terror, and mass murder. They could also give or sell those weapons to terrorist allies, who would use them without the least hesitation.” (BUSH W, George. *State of the Union Address*. Washington: 28 de janeiro de 2003. Disponível em: <<http://millercenter.org/president/speeches/detail/4541>>. Acesso em: 21 ago. 2013).

Desse momento em diante, Bush retoma o tema das ADM, discursando um pouco pormenorizadamente sobre os países que formam o tal *Eixo do Mal*; mantendo o padrão, dedica uma parte mais destacada para falar sobre o Iraque e Saddam Hussein. Esse detalhamento sobre o Iraque e seu suposto arsenal bélico nuclear tem como função discursiva principal promover um forte tom de ameaça.

Os Estados Unidos viviam uma época de medo. A todo instante surgiam alertas e ameaças de ataques terroristas contra a nação, por isso nada seria mais aterrorizador do que saber que um governante – que há anos vinha sendo representado como um monstro – possuía uma capacidade bélica destrutiva absurda. Então, a partir do momento em que o Presidente Bush enumera até mesmo os litros de antrax que o governo iraquiano teria capacidade de produzir, alastra-se o terror.

É muito curiosa a precisão desses dados. No discurso do ano de 2003, Bush não só falou das ADM do Iraque, como também apresentou uma contabilidade precisa de todo o poder bélico (químico, biológico e nuclear) de Saddam, deixando evidente a vontade do ditador de vender essas armas para os “terroristas inimigos do mundo civilizado”, como fica claro na afirmação a seguir:

Com um arsenal cheio de armas nucleares, biológicas e químicas, Saddam Hussein pode assumir suas ambições de conquistar o Oriente Médio e criar um perigo mortal na região. E este Congresso e o povo americano devem reconhecer outra ameaça. Evidências de fontes de inteligência, comunicações secretas e declarações dadas por pessoas, agora sob custódia, revelam que Saddam Hussein ajuda e protege terroristas, incluindo membros da Al Qaeda. Secretamente e sem deixar suspeitas, ele pode dar essas armas para esses terroristas ou ajudá-los a desenvolver as suas próprias.¹⁰⁰

Com isso, Bush revela no discurso que a guerra seria feita de toda forma, a menos que Saddam apresentasse a destruição das armas de alguma forma inegável. Entretanto, como ele faria isso se as armas não existiam? A guerra era certa e inevitável. A invasão do Iraque ocorreu e as Armas de Destruição em Massa não foram encontradas; mesmo assim, Bush não desistiu tão facilmente de afirmar sua existência.

¹⁰⁰ “With nuclear arms or a full arsenal of chemical and biological weapons, Saddam Hussein could resume his ambitions of conquest in the Middle East and create deadly havoc in that region. And this Congress and the American people must recognize another threat. Evidence from intelligence sources, secret communications, and statements by people now in custody reveal that Saddam Hussein aids and protects terrorists, including members of Al Qaeda. Secretly and without fingerprints, he could provide one of his hidden weapons to terrorists or help them develop their own.” (BUSH W, George. *State of the Union Address*. Washington: 28 de janeiro de 2003. Disponível em: <<http://millercenter.org/president/speeches/detail/4541>>. Acessado em: 21 ago. 2013).

As armas estão lá!

Após a invasão do Iraque e a derrubada de Saddam Hussein, a administração Bush amenizou o tom referente às ADM. Contudo, com o passar do tempo, a oposição contra as GCT aumentou exponencialmente e o tema da ameaça nuclear voltou a se fazer presente, mesmo sem, após vários meses de busca, as forças militares dos Estados Unidos terem encontrado as tais armas.

No discurso Estado da União de 2004, Bush direcionou seus argumentos contra os grupos que estavam se opondo à política externa de guerra dos EUA. O Presidente afirmava que as armas estavam lá e que, portanto, suas ações frente à situação foram as necessárias.

Alguns nesta câmara e no nosso país não apoiam a libertação do Iraque. Objeções à guerra, muitas vezes, vêm por motivos de princípios, mas vamos ser sinceros sobre as consequências de deixar Saddam Hussein no poder. Estamos em busca de todos os fatos. O Relatório Kay já identificou dezenas de Armas de Destruição em Massa e quantidades significativas de equipamentos que o Iraque ocultou das Nações Unidas. Se tivéssemos deixado de agir, os programas de Armas de Destruição em Massa do ditador continuariam até hoje.¹⁰¹

Nesse momento, Bush se apega ao conteúdo do Relatório Kay para validar suas investidas contra o Iraque; o Doutor David Kay foi o responsável pela produção de um relatório sobre a produção e os estoques de Armas de Destruição em Massa do governo iraquiano. Foi por meio desse relatório que o governo Bush afirmou a existência de uma quantidade impressionante de equipamentos bélicos de destruição escondidos das Nações Unidas.

Entretanto, no dia 12 de outubro de 2003, o *New York Times* publicou um artigo que criticava esse ponto de vista ameaçador que aparecia no relatório, declarando que o texto não apresentava esse clima de apocalipse alardeado pelo Presidente Bush;

¹⁰¹ “Some in this chamber and in our country did not support the liberation of Iraq. Objections to war often come from principled motives, but let us be candid about the consequences of leaving Saddam Hussein in power. We’re seeking all the facts. Already, the Kay Report identified dozens of weapons-of-mass-destruction-related program activities and significant amounts of equipment that Iraq concealed from the United Nations. Had we failed to act, the dictator’s weapons of mass destruction programs would continue to this day.” (BUSH W, George. *State of the Union Address*. Washington: 20 de janeiro de 2004. Disponível em: <<http://millercenter.org/president/speeches/detail/4542>>. Acesso em: 21 ago. 2013).

principalmente pelo fato de ter sido produzido a partir de fontes de uma década anterior e ter utilizado fontes não confiáveis. No artigo infere-se que:

Se a administração Bush quer que as descobertas do Dr. Kay sejam tratadas com a seriedade que o tema merece, as investigações têm de ser muito mais próximas. A versão resumida não secreta do testemunho do Dr. Kay no Congresso e as suas declarações à imprensa são irritantemente sem detalhes que permitam a peritos independentes avaliarem a credibilidade das fontes, a possibilidade de interpretações divergentes e a escala ou estágio dos esforços do Iraque. Isso é inaceitável num momento em que a falibilidade das avaliações de inteligência tornou-se por demais evidente.¹⁰²

Mesmo com o aumento das críticas e a pressão popular, que cobrava a exposição das armas, o Presidente Bush continuou com sua afirmação clássica de “impedir que regimes fora da lei busquem armas de destruição em massa”. Vejamos:

Como parte da ofensiva contra o terror, também estamos confrontando os regimes que abrigam e apoiam terroristas e que poderiam fornecer-lhes armas nucleares, químicas ou biológicas. Os Estados Unidos e os nossos aliados estão determinados: Nós nos recusamos a viver na sombra do perigo final.¹⁰³

Isso demonstra que o discurso do Presidente é apenas uma repetição do que ele já vinha falando desde a sua posse: buscar armas e destruí-las. É claro que essa busca por um mundo mais seguro se limitou somente aos locais que eram de interesse estratégico específico, como deixou claro o vice-presidente Dick Cheney durante a campanha no ano de 2000. A ideia é sustentada até que, no ano de 2005, o Iraque simplesmente some dos discursos e as suas absurdas quantidades de Armas de Destruição em Massa deixam de ser mencionadas.

O Presidente Bush mudou seu foco para países como Síria e Líbano, mas, devido à perda de credibilidade pela farsa no Iraque, as GCT não puderam ser transferidas para essas nações. Assim, qualquer outra invasão que o governo Bush pretendesse concretizar

¹⁰² “If the Bush administration wants Dr. Kay's findings to be treated with the seriousness the topic deserves, the investigators have to be much more forthcoming. Dr. Kay's brief unclassified version of his Congressional testimony and his statements to the press are maddeningly short of specifics that would allow independent experts to evaluate the credibility of the sources, the possibility of dissenting interpretations and the scale or stage of Iraq's efforts. That is unacceptable at a time when the fallibility of intelligence evaluations has become all too apparent.” (THE LABORATORY. *The Iraqi Weapons Puzzle*. *NYT*, 12 out. 2003. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2003/10/12/opinion/the-iraqi-weapons-puzzle.html>>. Acesso em: 04 jan. 2013).

¹⁰³ “As part of the offensive against terror, we are also confronting the regimes that harbor and support terrorists and could supply them with nuclear, chemical, or biological weapons. The United States and our allies are determined: We refuse to live in the shadow of this ultimate danger.” (BUSH W, George. *State of the Union Address*. Washington: 20 de janeiro de 2004. Disponível em: <<http://millercenter.org/president/speeches/detail/4542>>. Acesso em: 21 ago. 2013).

foi impossibilitada por causa da descrença da população quanto a essas supostas ameaças, criadas por relatórios vagos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“War, War never changes!” (Ron Perlman – Fallout)

Fallout é uma série de jogos eletrônicos (contando com três edições até agora) em que se submerge o jogador em um mundo pós-apocalíptico destruído por uma guerra nuclear entre Estados Unidos e China. Com sua primeira edição publica em 1997, todas as versões do jogo estão no *hall* dos 100 melhores jogos de todos os tempos em todos os concursos realizados por revistas especializadas (PC Gamer, NGI, PC Zone, etc.).

O *game* chegou a um patamar de fama tal que muitas das citações feitas durante o decorrer do jogo se tornaram frases de efeito para o meio *gamer/ nerd/ geek*, e a principal delas é o mote dito por Ron Perlman durante a abertura: “guerra, a guerra nunca muda!”. No sentido apresentado pelo *game*, a guerra é uma constante da humanidade; do mesmo modo que o ser humano evolui, a guerra evolui com ele, chegando ao cume final com um holocausto nuclear que destrói a maior parte do mundo.

Apesar de ter sido criado em 1997, o jogo se baseava no sentimento da sociedade estadunidense da década de 50. A paranoia nuclear se mantinha a todo vapor com o medo de a União Soviética destruir o mundo em um armagedon de fogo. Um jogo criado nos anos 90 baseado em um imaginário de terror esquizofrênico da década de 50 nunca poderia prever que ele se tornaria tão real apenas seis anos depois.

Em seu mote sobre a guerra, Ron Perlman não poderia deixar mais evidente o que tentamos apresentar no decorrer de todo este trabalho: a guerra é uma constante na humanidade e ela, na prática, nunca muda (para citar a abertura do jogo aqui mencionado). Os romanos guerreavam por escravos, a Espanha criou um império na busca por ouro,

Hitler transformou a Alemanha em uma máquina de guerra em busca de recursos para transformá-la em uma superpotência imbatível. O homem evolui, o homem faz guerra, o que muda na guerra são as armas e os recursos que estão em disputa.

No ano de 2002, o governo dos Estados Unidos deu início às Guerras Contra o Terror. Em 2003 a administração Bush levou as GCT a um novo nível, ao invadir o Iraque, e assim o recurso da vez se revelou: petróleo. Como um timão de navio, a roda da história voltava ao ponto da guerra e de sua criação; para se guerrear é necessário um inimigo e esse inimigo é o outro: o bárbaro, o incivilizado, ou aquele que não segue a linha WASP¹⁰⁴.

Conforme bem trabalhado por Hartog, no *Espelho de Heródoto*, e Edward Said, n' *O Orientalismo*, o bárbaro é o outro, aquele que não fala a língua e que vem de fora da nação daquele povo. O bárbaro engloba e atrai para si todas as características do povo “civilizado” ao inverso, ele é representado pelo reflexo do espelho, que tudo apresenta de forma invertida, de certa forma, incorreta. Esse bárbaro precisa ser dominado e corrigido, (des)barbarizado, guiado para a luz da civilização.

De acordo com o que foi visto por toda a pesquisa, o presidente George W. Bush incorporava as visões que serviram de inspiração para se criar uma miríade de filmes e de jogos pós-apocalípticos (citamos apenas um dos mais célebres aqui). Como forma de levar a cabo suas ambições de guerra, refletidas em uma mentalidade ainda presa na Guerra Fria, a administração estadunidense necessitava da existência dos inimigos. Sendo assim, os árabes, fundamentalistas islâmicos, comunistas e orientais¹⁰⁵ foram unidos em um grande grupo para se criar um inimigo verdadeiramente ameaçador chamado de “terroristas”. Na visão do governo dos Estados Unidos, esse grupo só possuía um desejo: destruir o mundo como ele é para construir uma nova sociedade brutal, marcada pela opressão e pela falta de liberdade. Por dois anos, nos Estados Unidos, essa visão perdurou – o que deu muito certo.

Para alcançar seus objetivos, o Governo desenvolveu um discurso com base em um medo fundamentado em uma possível destruição mundial por meio das armas de destruição em massa. Esse medo foi impulsionado pelos sentimentos de vingança e de terror, provenientes dos atentados de 11 de setembro de 2001, e, por meio deles, a administração do presidente Bush conseguiu levar à frente sua visão de mundo, denominada “Doutrina Bush”, mesmo contra as deliberações da ONU. Com isso, pôs a

¹⁰⁴ WASP é a sigla que se refere a White Anglo Saxon Protestant (Branco anglo saxão protestante).

¹⁰⁵ Quando cito os orientais, refiro-me a pessoas do extremo oriente; no caso, norte-coreanos.

credibilidade da instituição em frangalhos, mostrando que “o que os Estados Unidos querem, os Estados Unidos fazem”, algo que Bush deixou claro em quase todos os seus discursos.

A partir dos estudos realizados ao longo de toda a pesquisa, podemos perceber que o medo é, sim, um ótimo motivador humano. A união de um medo paranoico, alimentado em parte pelo governo, com a apresentação de provas falsas para a comprovação desses medos, fez com que o governo estadunidense tivesse em suas mãos toda a capacidade de fazer a guerra acontecer a seu bel prazer. O discurso de Bush foi engendrado de tal maneira que, mesmo após um ano da invasão do Iraque e o não aparecimento das tais armas de destruição em massa, fez com que o presidente fosse reeleito e mantivesse os investimentos na guerra por todo o segundo mandato. Além do legado deixado por Bush, de certa forma o ex-presidente dos EUA ainda obrigou o presidente Barack Obama, empossado em 2009, a manter a ocupação do Iraque, que continua até os dias atuais.

Com base no que discutimos ao longo do texto, compreendemos que as guerras podem ser, e são, construídas a partir de discursos estrategicamente engendrados, que a validam e a mantêm em funcionamento frente às vozes opostas. Essas operações discursivas podem assumir várias estratégias diferentes na tentativa de alcançar seus objetivos; mas, assim como Joseph Campbell afirmava que o mito do herói segue um padrão por toda a história da humanidade, os inimigos dos heróis surgem seguindo os mesmos padrões.

O inimigo representado por um ser bárbaro, cruel e sem escrúpulos ameaça todo o mundo conhecido, o que faz o herói partir em sua jornada para derrotá-lo e, impulsionado pelas pessoas que têm medo da destruição final, avançar contra esse inimigo. A administração Bush simplesmente recriou essa linha mítica da jornada do herói e a seguiu.

Com o discurso do medo, do terror e das armas de destruição em massa, o governo criou um inimigo verdadeiramente ameaçador, que precisava de um herói para ser derrotado, e esse herói encarna nos Estados Unidos.

Podemos perceber que o discurso é um poder motivador de grande força, principalmente quando ele constrói ameaças reais aos seus ouvintes, tornando, dessa forma, as atitudes em prol da suposta eliminação desse inimigo e a proteção dos ameaçados como certas e inquestionáveis.

Outrossim, concluímos que o medo é um ótimo motivador de massas, sendo o colaborador do sucesso das Guerras Contra o Terror, além de estimular a intensificação da islamofobia no mundo Ocidental.

O discurso do medo contribuiu para a construção das representações de que os árabes e os orientais são uma ameaça para o mundo; mesmo que o presidente Bush falasse em seus discursos que desejava o contrário, isso não ocorreu. Com o medo generalizado de sofrer novos ataques terroristas e com a divulgação de que os inimigos seriam islâmicos fundamentalistas, bem como com a possibilidade de qualquer um ser um terrorista, as constantes declarações do governo de que as tentativas de atentados iriam aumentar não contribuíram nem um pouco para a construção de uma imagem justa sobre os muçulmanos.

As Guerras Contra o Terror, na realidade, contribuíram para o aumento do fundamentalismo antiocidental no mundo, bem como o inverso, além de terem criado as bases para a maior crise mundial do capitalismo desde 1929. Contudo, com o fim da Era Bush, a tensão advinda das possibilidades de guerra estabelecidas pela doutrina Bush diminuiu devido à posição mais branda do presidente Barack Obama, no tocante a possíveis conflitos.

E se a roda da humanidade voltar a girar para mais uma nova guerra? Dessa vez seria contra o Irã? Contra a Coreia do Norte? Contra a Síria? Tudo dependerá dos interesses econômicos envolvidos e o quão militarista será o presidente no poder da nação mais poderosa do mundo, o que torna este trabalho de extrema importância para a atualidade. Se não ficarmos atentos, o mundo rumará para uma época de tensões cada vez mais fortes, e são os discursos hegemônicos de poder que lutarão para manter sua força. No entanto, para se manter a hegemonia, será necessário lutar por ela, e nós precisamos discutir e ler sobre o tema para podermos combater esse risco de alguma forma.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. *Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2008. p. 89-91.

AZEVEDO, C. O sentido da Missão no imaginário político norte-americano. *Revista de História Regional*, UEPG, Brasil, v. 3, n. 2, p. 77-90, 1998.

CAMPOS, S. de. *O evento de 11 de setembro nos EUA e o discurso da internet*. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2006.

BUTLER, J. O limbo de Guantánamo. *Novos estud. – CEBRAP*, São Paulo, n. 77, mar. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 set. 2013.

CLAUSEWITZ, C. V. *Da guerra: a arte da estratégia*. Tradução de Pilar Satierra. 2005.
CHOMSKY, N. *Ambições imperiais*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

_____. 2005. *Poder e terrorismo*. Rio de Janeiro: Record. Francis, 2004.

CUNHA, P. C. T. *A atuação das Forças Armadas no combate ao terrorismo*. Monografia (Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia) – Departamento de Estudos da Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro, 2011.

DOTTI, R. A. Terrorismo e devido processo legal. *Revista CEJ*, América do Norte, 613, set. 2002. Disponível em: <<http://www2.cjf.jus.br/ojs2/index.php/revcej/article/view/482/663>>. Acesso em: 22 set. 2013.

HARDT, M.; NEGRI, A. *Multidão: guerra e democracia na era do Império*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

JUNQUEIRA, M. A. Representações políticas do território latino-americano na Revista Seleções. *Rev. bras. Hist.* [online], v. 21, n. 42, p. 323-342, 2001.

KARNAL, L. *Estados Unidos: a formação da nação*. São Paulo: Contexto, 2005.

KEEGAN, J. *Uma história da guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LUKACS, John. *Uma nova república: história dos Estados Unidos no século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MOORE, Michael. *Fahrenheit: 11 de setembro*. Tradução de Aurea Akemi et al. São Paulo: Francis, 2004.

OSGOOD, Kenneth and Frank, Andrew [Eds.]. *Selling War in a Media Age: The Presidency and Public Opinion in the American Century*. University Press of Florida.

PANIAGO, Paulo de Tarso Resende. Uma cartilha para melhor entender o terrorismo internacional: conceitos e definições. *Revista Brasileira de Inteligência*. Brasília: Abin, v. 3, n. 4, set. 2007. 15

PEREIRA, A. E. Três perspectivas sobre a política externa dos Estados Unidos: poder, dominação e hegemonia. *Rev. Sociol. Polit.*, v. 19, n. 39, p. 237-257, jun. 2011.

PEREIRA, H. A. de A. R. *Criar ilhas de sanidade: os Estados Unidos e a aliança para o progresso no Brasil*. 2005. Tese (Doutorado em História). São Paulo: PUC/SP, 2005.

PINHEIRO, A. de S. *A prevenção e o combate ao terrorismo no século XXI*. Disponível em:
<<http://www.eceme.ensino.eb.br/meiramattos/index.php/RMM/article/viewFile/21/99>>. Acesso em: 03 jun. 2013.

POWER, S. *Genocídio: a retórica americana em questão*. Companhia das letras, São Paulo, 2004.

RAPHAEL, R. *Mitos sobre a fundação dos Estados Unidos*. São Paulo: Ed. Civilização Brasileira, 2006.

SAID, E. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

WEINBERGER, E. *Crônicas da Era Bush: o que ouvi sobre o Iraque*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

Discursos do Presidente George W. Bush

BUSH W., G. *First Inaugural Address*. Washington: 20 jan. 2001. Disponível em:
<<http://millercenter.org/president/speeches/detail/3645>>. Acesso em: 29 out. 2012.

BUSH W., G. *State of the Union Address*. Washington: 20 jan. 2004. Disponível em:
<<http://millercenter.org/president/speeches/detail/4542>>. Acesso em: 21 ago. 2013.

BUSH W., G. *State of the Union Address*. Washington: 28 jan. 2003. Disponível em:
<<http://millercenter.org/president/speeches/detail/45410>>. Acesso em: 21 ago. 2013.

BUSH W., G. *State of the Union Address*. Washington: 29 jan. 2002. Disponível em:
<<http://www.americanrhetoric.com/speeches/stateoftheunion2002.htm>>. Acesso em: 21 ago. 2013.

BUSH W., G. *09/20 Address to Joint Session of Congress Following 09/11 Attacks*. Washington, 2001. Disponível em:
<<http://www.americanrhetoric.com/speeches/gwbush911jointsessionspeech.htm>>. Acesso em: 21 ago. 2013.

BUSH W., G. *09/20 Address to Joint Session of Congress Following 09/11 Attacks*. Washington, 2001. Disponível em: <<http://www.americanrhetoric.com/speeches/gwbush911jointsessionspeech.htm>>. Acesso em: 21 ago. 2013.

Artigos de jornais e revistas

COSTAS, Ruth. Com trinta anos de atraso finalmente a ONU decide encarar o terrorismo pelo que ele é: um crime contra a humanidade. *Revista Veja*, 30 mar. 2005. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/300305/p_094.html>. Acesso em: 03 jun. 2013.

SANGER, David A. The state of the union: the overview; bush, focusing on terrorism, says secure u.s. is top priority. *Nyt*, 30 jan. 2002, Nova York. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2002/01/30/us/state-union-overview-bush-focusing-terrorism-says-secure-us-top-priority.html?pagewanted=all&src=pm>>. Acesso em: 21 ago. 2013.

SANGER, David A. The state of the union: the overview; bush, focusing on terrorism, says secure u.s. is top priority. *Nyt*, 30 jan. 2002, Nova York. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2002/01/30/us/state-union-overview-bush-focusing-terrorism-says-secure-us-top-priority.html?pagewanted=all&src=pm>>. Acesso em: 21 ago. 2013.

COOPER, Michael. The 2000 campaign: the republican running mate; Cheney Urges Rethinking Use of U.S. Ground Forces In Bosnia and Kosovo. *New York Times*, 01 set. 2000. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2000/09/01/us/2000-campaign-republican-running-mate-cheney-urges-rethinking-use-us-ground.html>>. Acesso em: 04 jan. 2013.

SAFIRE, Willian. Essay; Saddam's Sudan?. *New York Times*, 23 mar. 2000. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2000/03/23/opinion/essay-saddam-s-sudan.html>>. Acesso em: 23 ago. 2013.

TYLER, Patrick E.; SCIOLINO, Elaine. A nation challenged: washington; Bush's Advisers Split on Scope Of Retaliation. *New York Times*, 20 set. 2001. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2001/09/20/world/a-nation-challenged-washington-bush-s-advisers-split-on-scope-of-retaliation.html>>. Acesso em: 23 ago. 2013.

THE LABORATORY. The Iraqi Weapons Puzzle. *NYT*, 12 out. 2003. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2003/10/12/opinion/the-iraqi-weapons-puzzle.html>> Acesso em: 23 ago. 2013.

BARROW, James. Thousands Feared Dead as World Trade Center Is Toppled. *New York Times*, 11 set. 2001. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2001/09/11/national/11WIRE-PLAN.html?pagewanted=all>>. Acesso em: 23 ago. 2013.

STOUT, David. *In Washignton, an Attack on a Symbol of American Power*. *New York Times*, 11 set. 2001. Disponível em: <[http://www.nytimes.com/2001/09/11/national/11CND-PENT.html?pagewanted=alork and Washington](http://www.nytimes.com/2001/09/11/national/11CND-PENT.html?pagewanted=alorkand%20Washington)>; *New York Times*, 11 set. 2001. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2001/09/11/international/11CND-WORLD-REAX.html>> Acesso em: 23 ago. 2013.

CATANHÊDE, Eliane. Fim do mundo. *Folha de São Paulo*, 11 set. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/ult681u5.shtml>>. Acesso em: 23 ago. 2013.

DIMENSTEIN, Gilberto. Terrorismo expõe fragilidade da nação mais poderosa diante de guerra Santa. *Folha de São Paulo*, 11 set. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/ult508u33.shtml>>. Acesso em: 23 ago. 2013.

GIL CALVO, Enrique. Hacia el choque de culturas. *El País*, 12 set. 2001. Disponível em: <http://elpais.com/diario/2001/09/12/opinion/1000245609_850215.html>. Acesso em: 23 ago. 2013.

GUTIERREZ, Miren. Las televisiones no emitieron las peores imágenes del horror. *El País*, 13 set. 2001. Disponível em: <http://elpais.com/diario/2001/09/13/internacional/1000332040_850215.html>. Acesso em: 23 ago. 2013.

LE MONDE. L'Amérique sous le choc d'un « Pearl Harbor » terroriste. *Le Monde*, 12 set. 2001. Disponível em: <http://www.lemonde.fr/cgi-bin/ACHATS/acheter.cgi?offre=ARCHIVES&type_item=ART_ARCH_30J&objet_id=721811&xtrmc=wtc&xtrcr=3>. Acesso em: 23 ago. 2013.

EDELMANN, Frederic; DE ROUX, Emmanuel. Emblèmes de puissance et de richesse, les « Deux Soeurs » de New York se sont effondrées sous l'impact. *Le Monde*, 13 set. 2001. Disponível em: <http://www.lemonde.fr/cgi-bin/ACHATS/acheter.cgi?offre=ARCHIVES&type_item=ART_ARCH_30J&objet_id=721831&xtrmc=comme_un_chateau_de_cartes&xtrcr=1>. Acesso em: 23 ago. 2013.

KRAUZE, Jan. « America under attack », en direct sur les écrans du monde entier. *Le Monde*, 13 set. 2001. Disponível em: <http://www.lemonde.fr/cgi-bin/ACHATS/acheter.cgi?offre=ARCHIVES&type_item=ART_ARCH_30J&objet_id=721815&xtrmc=amerique&xtrcr=31>. Acesso em: 23 ago. 2013.

BROWN, Derek. Day of terror casts shadow over Middle East. *The Guardian*, 11 set. 2001. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2001/sep/11/september11.usa20?INTCMP=SRCH>>. Acesso em: 23 ago. 2013.

LEADER. The sum of all ours fears. *The Guardian*, 12 set. 2001. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2001/sep/12/september11.britainand911?INTCMP=SRCH>>. Acesso em: 23 ago. 2013.

